

# ARQUEOLOGIA:

## Temáticas e Perspectivas Teórico- Metodológicas de Pesquisa 2

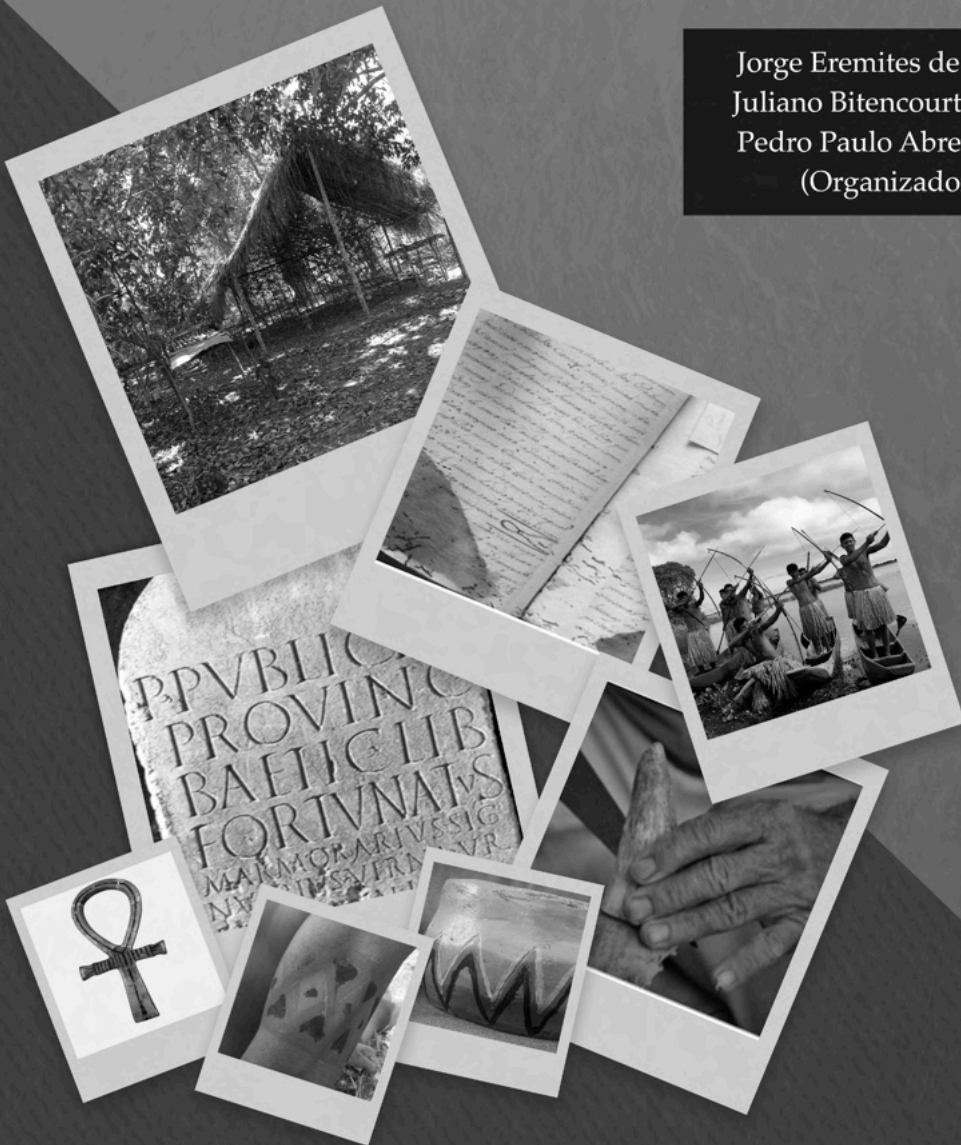
Jorge Eremites de Oliveira  
Juliano Bitencourt Campos  
Pedro Paulo Abreu Funari  
(Organizadores)



# ARQUEOLOGIA:

## Temáticas e Perspectivas Teórico- Metodológicas de Pesquisa 2

Jorge Eremites de Oliveira  
Juliano Bitencourt Campos  
Pedro Paulo Abreu Funari  
(Organizadores)



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

Acervo dos autores

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins





## Arqueologia: temáticas e perspectivas teórico-metodológicos de pesquisa 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremona  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Jorge Eremitas de Oliveira  
Juliano Bitencourt Campos  
Pedro Paulo Abreu Funari

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772 Arqueologia: temáticas e perspectivas teórico-metodológicos de pesquisa 2 / Organizadores Jorge Eremitas de Oliveira, Juliano Bitencourt Campos, Pedro Paulo Abreu Funari. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-914-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.148221603>

1. Arqueologia. I. Oliveira, Jorge Eremitas de (Organizador). II. Campos, Juliano Bitencourt (Organizador). III. Funari, Pedro Paulo Abreu (Organizador). IV. Título.

CDD 930.1

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Desde o século XIX, em particular, que a Arqueologia desponta como um dinâmico campo do conhecimento científico que costuma despertar a curiosidade e chamar a atenção de um grande público. Tornou-se imprescindível à compreensão das origens e das múltiplas trajetórias das sociedades humanas, desde longínquas temporalidades na África até sua atual presença em diversas regiões do planeta. Da segunda metade dos oitocentos até as primeiras décadas do século XX, esteve ligada à ideia da construção de identidades nacionais, quer dizer, a projetos de Estado. Mais adiante, tornou-se uma ciência madura e passou a fazer parte de muitas realidades da vida em sociedade. Por isso, cada vez mais está presente, por exemplo, em publicações científicas, na mídia em geral, em representações cinematográficas e no imaginário de milhões de pessoas, mundo afora.

Neste sentido, o livro “Arqueologia: temáticas e perspectivas teórico-metodológicas” apresenta uma coletânea de trabalhos que registra parte da pujança da Arqueologia no tempo presente, seja no Brasil, seja em outros países, como em Portugal. A obra está marcada pela pluralidade de temas estudados por experientes pesquisadoras/es e por uma diversidade de perspectivas teórico-metodológicas, as quais são pautadas pela interdisciplinaridade e aplicadas em estudos de interesse a temas variados: acervos arqueológicos, educação patrimonial, sustentabilidade, patrimônio cultural, laudos judiciais sobre terras por tradição ocupadas por povos originários, tecnologias indígenas, percepções sobre o registro arqueológico, antiguidade clássica, direitos humanos, ensino da arqueologia, cartografia, projetos colaborativos, multivocalidade, entre outros.

A obra aqui apresentada destina-se a um público mais amplo, inclusive a pessoas em diferentes níveis de formação acadêmica e vinculadas a campos como os da Arqueologia, claro, mas também Antropologia Social, Geografia, História, Educação, Museologia, entre outras áreas. Volta-se, sobretudo, a pessoas que têm interesse no patrimônio arqueológico, em sua percepção como legado cultural, na materialidade de relações sociais no tempo e espaço, ao visar a convivência e a diversidade.

No caso do Brasil, país que conta, hoje, com dezenas de cursos de bacharelado, mestrado e doutorado em Arqueologia (alguns com área de concentração em arqueologia), a presente publicação soma a tantas outras que buscam compartilhar experiências que não apenas possuem base empírica consistente, mas que também aspiram a superar o norte epistêmico, incorporar saberes tradicionais e analisar situações históricas até pouco tempo desprezados ou pouco valorizados na academia, prol do convívio solidário.







Por tudo isso, a leitora e o leitor têm em suas mãos uma publicação organizada com esmero em tempos difíceis, marcados por guerras, conflitos assimétricos, crises econômicas e epidemias, um livro que vale a pena conferir.




Boa leitura!

Jorge Eremites de Oliveira  
Juliano Bitencourt Campos  
Pedro Paulo A. Funari



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ARQUEOLOGIA E EDUCAÇÃO, OS DESAFIOS DO USO DE UM ACERVO ARQUEOLÓGICO	
Raquel dos Santos Funari	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216031">https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216031</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
INSTITUTO OLHO D'ÁGUA E A SUSTENTABILIDADE CULTURAL: UMA MISSÃO NO TERRITÓRIO DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CAPIVARA	
Marian Helen da Silva Gomes Rodrigues	
Jorlan da Silva Oliveira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216032">https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216032</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
PATRIMÔNIO CULTURAL EM FOCO : ESTUDO DE CASO A RESPEITO DO PATRIMÔNIO CULTURAL RECONHECIDO PELOS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA NO SUL DE SANTA CATARINA	
Carolina Porto Luiz	
Bruna Cataneo Zamparetti	
Lucy Cristina Ostetto	
Juliano Bitencourt Campos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216033">https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216033</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
ETNOARQUEOLOGIA NO LAUDO PERICIAL SOBRE A TERRA INDÍGENA BAÍA DOS GUATÓ, PANTANAL DE MATO GROSSO	
Jorge Eremites de Oliveira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216034">https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216034</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>61</b>
PÃRI – ARMADILHAS DE PESCA UTILIZADAS PELOS KAINGANG NO VALE DO RIO PIQUIRI	
Lúcio Tadeu Mota	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216035">https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216035</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>92</b>
ANÁLISES DE VULNERABILIDADES SOCIOAMBIENTAIS DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DE REGIÕES DO LITORAL PAULISTA	
Luana Campos	
Cristina Fachinni	
Aline Carvalho	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216036">https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216036</a>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>104</b>
«HÁBITOS ELETIVOS, CONTRÁRIOS À VIRTUDE» E «OBRAS DA OMNIPOTÊNCIA DIVINA»: ABORDAGEM TEÓRICA DAS EVIDÊNCIAS DOS ESTADOS ALTERADOS DE CONSCIÊNCIA NO REGISTO ARQUEOLÓGICO DA IDADE MODERNA EM PORTUGAL	
Miguel Martins de Sousa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216037">https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216037</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>123</b>
A CONTRIBUIÇÃO DA EPIGRAFIA LATINA PARA O ESTUDO DOS LIBERTOS NO IMPÉRIO ROMANO	
Filipe Noé da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216038">https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216038</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>136</b>
FÚLVIA E AS DEUSAS BÉLICAS EM SUAS MOEDAS	
Tais Pagoto Bélo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216039">https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216039</a>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>148</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>150</b>

## PÃRI – ARMADILHAS DE PESCA UTILIZADAS PELOS KAINGANG NO VALE DO RIO PIQUIRI

Data de aceite: 01/03/2022

### Lúcio Tadeu Mota

Doutor em História (UNESP-SP), Professor Associado no Departamento de História e pesquisador do Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história da Universidade Estadual de Maringá/UEM-PR.  
<http://lattes.cnpq.br/8427040759099329>  
<https://orcid.org/0000-0001-7064-1389>

**RESUMO:** Fazemos aqui uma reflexão sobre o uso de armadilhas de pesca nas corredeiras e cachoeiras do rio Piquiri e seus afluentes, no estado do Paraná – Brasil, pelos índios Kaingang no século XIX e primeiras décadas do século XX. Utilizamos de fontes históricas manuscritas das primeiras décadas da ocupação dos territórios Kaingang em Guarapuava, e de relatos de viajantes que percorreram os territórios Kaingang no vale do rio Piquiri na segunda metade do século XIX. Agregamos a essas fontes os dados arqueológicos existentes sobre a ocupação pretérita do vale do rio Piquiri, e as informações prestadas pelos Kaingang sobre a toponímia da região e o uso dos pari. Utilizamos a metodologia da etno-história, problematizada desde a Conferência de História Indígena de Columbus ocorrida em Ohio-EUA em 1953, que pressupõe o uso combinado dos dados advindos de diversas disciplinas e a incorporação na análise das informações geradas pelas tradições orais e os etno-conhecimentos dos indígenas. Concluímos com a hipótese de que o adensamento, o sedentarismo, a complexificação social dos

Kaingang no vale do Piquiri, constatado pela arqueologia em torno de 900 anos AP, podem ser resultantes de forças endógenas que operaram por dentro da sociedade Kaingang. Essas forças foram impulsionadas por uma crescente produtividade de alimentos, de obtenção de proteínas animal, relacionadas com o manejo dos recursos alimentícios pesqueiros feito pelos Kaingang, por meio de suas “stones fish traps”, de seus *pari*, espalhados pelas milhares de corredeiras do rio Piquiri e seus afluentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Etno-história indígena; Índios Kaingang; Vale do Rio Piquiri-PR; Pari-armadilha de pesca.

### STONE FISH TRAPS USED BY THE KAINGANG IN THE PIQUIRI RIVER VALLEY

**ABSTRACT:** Here we reflect on the use of fishing traps in the rapids and waterfalls of the Piquiri River and its tributaries, in the state of Paraná - Brazil, by the Kaingang Indigenous people in the 19th century and the first decades of the 20th century. We use handwritten historical sources from the first decades of the occupation of the Kaingang territories in Guarapuava, and reports from travelers who traveled through the Kaingang territories in the Piquiri River valley in the second half of the 19th century. We add to these sources the existing archaeological data on the past occupation of the Piquiri River valley, and the information provided by the Kaingang on the toponymy of the region and the use of the Pari. We have applied the ethnohistory methodology, problematized since the Columbus Conference on Indigenous History held in Ohio-USA in 1953,

which combines the use of data from different disciplines and the incorporation in the analysis of information generated by oral traditions and ethno-indigenous knowledge. We conclude with the hypothesis that the densification, the sedentary lifestyle, the social complexification of the Kaingang in the Piquiri valley, verified by archeology around 900 years BP, may be the result of endogenous forces that operated within the Kaingang society. These forces were driven by a growing productivity of food, of obtaining animal proteins, related to the management of fish food resources by the Kaingang, through their “stone fish traps”, of their *pari*, spread over the thousands of river Piquiri rapids and its tributaries.

**KEYWORDS:** Indigenous ethnohistory; Kaingang Indigenous People; Piquiri River Valley-PR; Stone fish traps.

## INTRODUÇÃO

Estava terminando as celebrações da Semana Santa na vila de Nossa Senhora do Belém de Guarapuava. No domingo da Páscoa, dia 26 de março de 1826, o padre Francisco das Chagas Lima celebrou a missa e, mais tarde, com alguns moradores locais, foi acompanhar um pequeno grupo de índios Kaingang que se retiravam para seus *emãs*<sup>1</sup> (aldeias) no vale do rio Piquiri, ao noroeste da vila.

No Domingo de pascoa, depois da missa, em concurso d’alguns fregueses, fomos acompanhar hua légua de caminho a estes selvagens q. se recolhiam ao seu Alojamento, prometendo na sua retirada, que d’ali a três luas cheias, voltarião com toda sua família, e outras da sua facção; os quais estavam presentemente de doze a quatorze léguas, embrenhados nos sertõens a pescaria de peixe grosso no rio Piquiri.<sup>2</sup>

O grupo escoltado pelo padre Chagas tinha chegado ao novo aldeamento de Atalaia no dia 21 de março, na terça-feira Santa. Foram hospedados e as crianças, batizadas, receberam vestimentas e panos de algodão de presentes. O grupo era constituído de *quinze índios Cayeres, todos mocetoens robustos (...) traziam em sua companhia não mais, que quatro mulheres, duas destas com filhinhos de terra idade que ainda alimentavão aos peitos.* (LIMA. Manuscrito, 08/04/1826. APESP, Ordem 0987, p 2). Todo o cuidado do padre Chagas Lima em hospedar e acompanhá-los em sua retirada da vila se deu porque, no ano anterior, em 26 de abril de 1825, os Kaingang/Dorins, chamados de *Cayeres* pelos de Guarapuava, do rio Piquiri, tinham atacado e destruído o Aldeamento de Atalaia com a morte do cacique Luis Tigre Gacom e de outros 28 Kaingang entre homens mulheres e crianças. Na época, eles estavam “jurados de morte” pelos grupos *Camés* e *Votorões* que viviam na Aldeia de Atalaia em Guarapuava.<sup>3</sup>

1 As palavras em Kaingang estão em itálico conforme aparecem na documentação ou nos foram informadas, significado e ortografia, pelos alunos(as) Kaingang do Curso de Pedagogia Indígena na TI Rio das Cobras – Pr. A eles nossos agradecimentos.

2 Relatório escrito ao presidente da Província de São Paulo, Lucas Antônio Monteiro de Barros, no dia 8 de abril de 1826. Cf. Francisco das Chagas LIMA. Manuscrito, 08/04/1826. APESP, Ordem 0987, p 1-2.

3 As informações de Chagas Lima, nesse Manuscrito se referem aos grupos Kaingang com locais de moradias/territórios definidos e lideranças nominadas. Entendemos que os grupos nominados por Chagas Lima eram “unidades político-territoriais”, conforme a perspectiva de Ricardo Cid FERNANDES, 2004:107. Não entraremos nas discussões realizadas nas etnografias sobre os Kaingang que utilizam as nomenclaturas de *Camés* e *Votorões* relacionando-as

Essa informação histórica, quando devidamente analisada com o uso combinado de dados de outras disciplinas e de informações geradas pelas tradições orais e os etnoconhecimentos dos indígenas, como sugere a metodologia da etno-história,<sup>4</sup> nos permite elucidarmos as ações e as estratégias tecnológicas dos Kaingang na utilização dos recursos pesqueiros do vale do rio Piquiri com o uso das armadilhas de pesca nominadas, por eles, de *pari*.

## A OCORRÊNCIA DAS “STONES FISH TRAPS” EM DIVERSAS POPULAÇÕES AMERÍNDIAS

A coleta de peixes em estruturas construídas de rochas nas corredeiras dos rios ou em áreas litorâneas foi tratada, pelas literaturas antropológica e arqueológica, como sendo conhecida internacionalmente como as “stones fish traps”. Sem a pretensão de fazermos inventário extensivo algum sobre esse tipo de estratégia para coleta de peixes, elencaremos aqui alguns estudos relacionados às “stones fish traps” em leitos de rios, apenas para indicarmos que essas estruturas não foram utilizadas apenas pelos Kaingang no vale do rio Piquiri, mas estavam espalhadas em todo o continente americano.

No seu conhecido estudo sobre os Kwakiutl da Ilha de Vancouver, Franz Boas descreve diversos tipos de armadilhas construídas de rochas e madeiras para captura de salmões que subiam os rios e riachos (BOAS, 1909: 461). Mais ao norte de Vancouver, na costa canadense na Columbia Britânica, tanto no litoral como nos rios, esse tipo de armadilha era amplamente utilizado pelas populações indígenas, como descreve Pomeroy, (1976:165-193). Também nessa mesma região, Elroy White (2006) pesquisou essas estruturas nos territórios dos Heiltsuk, onde registrou 42 “stones fish trap” e agregou, em sua pesquisa, as narrativas de 12 anciões Heiltsuk sobre esse sistema seletivo de pesca utilizado por seus ancestrais desde a Antiguidade. Asen Balikci relata o uso dessa estratégia de pesca entre os Netsilik Esquimos, que faziam paredes de rochas nos leitos dos rios de uma margem a outra, direcionado os peixes anádromos (salmões) rio acima até uma área circular fechada onde eram capturados (BALIKCI, 1970:32-33). Na costa leste da América do Norte, essa estratégia de pesca também era praticada por diversas populações

---

com as metades exogâmicas da sociedade Kaingang. BORBA, 1904; NIMUENDAJU, [1912] 1993; BALDUS, 1937; FERNANDES, 1941, e grande parte da literatura antropológica atual sobre a sociedade Kaingang.

4 A etno-história vêm sendo problematizada nos Estados Unidos desde a Conferência de História Indígena de Columbus ocorrida em Ohio em 1953. Sobre os debates ocorridos sobre o tema ver os trabalhos publicados na revista *Ethnohistory*, v. 8, n. 1, em 1961. Os comentários relativos aos papers apresentados foram publicados nesse mesmo ano na *Ethnohistory*, v. 8, n. 2. O tema foi abordado sob várias perspectivas, por pesquisadores de diversas áreas, desde o folclore (DORSON, 1961), pela história (WASHBURN, 1961), pela antropologia (VOEGELIN, 1954; VALENTINE, 1961; LEACOCK, 1961; EWERS, 1961; LURIE, 1961) e arqueologia (BAERREIS, 1961). Desde então foram publicadas várias sínteses sobre a temática com destaque para CARMACK, 1972, TRIGGER, 1982, e um balanço publicado por Kelly K. CHAVES em 2008. No Brasil ver as sínteses publicadas por Jorge E de OLIVEIRA, 2003, Thiago CAVALCANTE, 2011, e Lúcio T MOTA, 2014. Muitos são os pesquisadores que têm tratado da história dos povos indígenas no Brasil nas últimas quatro décadas, não caberia aqui um balanço desses autores, mas é necessário destacar, pela perspectiva antropológica, os trabalhos de João Pacheco de Oliveira Filho, e, de um ponto de vista histórico, os trabalhos de John Monteiro.

indígenas. Strandberg e Tomlinson (1969) relatam a presença de 36 dessas estruturas para captura de peixes em um trecho do rio Potomac nas proximidades de Washington DC. Ainda no rio Potomac, na região de Brunswick, em Maryland, Don Peterson (2018) estudou a ocorrência dessas armadilhas, ilustrando-as com fotos aéreas da década de 1930.

A diferença entre essas “stones fish traps” da costa leste americana e as relatadas acima da costa oeste é que as paredes de rocha geralmente se iniciam nas margens dos rios e vão fechando seu ângulo à jusante da corrente, com o objetivo de capturar os peixes que estão descendo os rios e riachos. No rio Broad, na Carolina do Sul, EUA, Thomas M. Ryan (1971) descreveu uma dessas armadilhas em forma de “V” com uma cesta de bambus nativos (*Arundinaria gigantea*) armada no vértice das paredes de rocha. Essa armadilha descrita por Ryan é similar às que encontramos aqui no Paraná. Denominando as armadilhas de pesca de “fish weirs”, Allen H. Lutins faz uma síntese das informações existentes em toda a costa leste do EUA e analisa a importância dessa estratégia de coleta de alimentos “na reconstrução de padrões pré-históricos de subsistência e povoamento” nessa região (LUTINS, 1992:3).<sup>5</sup>

## OS PARI COMO ESTRATÉGIA DE PESCA ENTRE OS KAINGANG

O uso de armadilhas de pesca construídas de rochas nos leitos dos rios e com cestos coletores e sua extremidade à jusante, conhecidas como **pari**, tanto pela população Guarani como pela Kaingang no sul do Brasil, têm sido pesquisadas em nosso laboratório desde a fundação deste, em meados dos anos de 1990. Em 1995, junto com colegas do LAEE – Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história da UEM -, divulgamos a existência delas entre as populações Kaingang na V Reunião de Antropologia (Merco) Sul - Cultura e Globalização, realizada em Tramandaí no RS; na VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, realizada em Porto Alegre – RS, e no IV Encontro Regional de História - ANPUH - PR, realizado em Londrina PR, com a publicação nos Anais desses eventos. No ano seguinte, publicamos um artigo com informações históricas sobre o uso dessas armadilhas nos territórios Kaingang no Paraná e Misiones na Argentina. Também fizemos diversas exposições fotográficas dessas armadilhas em eventos locais na Universidade Estadual de Maringá – UEM - e em escolas das redes pública e privada na área de abrangência da UEM. Na época, essas armadilhas ainda não tinham sido pesquisadas no sul do Brasil, (NOELLI, MOTA, SIL: 1995:436), e as sínteses que existiam sobre os Kaingang, como a de METRAUX (1928, e 1948), considerava a “pesca como atividade pouco desenvolvida, pobre em métodos e atrasada” (NOELLI, MOTA, SILVA: 1995:436). Fizemos a crítica a essa postura, apresentamos uma série de dados históricos que demonstrava o uso dessas armadilhas pelos Kaingang em todos seus territórios e

<sup>5</sup> As “stones fish traps” nos leitos dos rios também são encontradas em outras partes do planeta. Existe uma vasta bibliografia sobre essas armadilhas tanto nas áreas litorâneas como nos leitos dos rios. Sobre essas estruturas no litoral do Maranhão no Brasil ver Andre C. COLONESE et al 2015.



acrescentamos dados arqueológicos e etnográficos sobre seu uso, na época, pelos Kaingang da TI Apucarantina. Constatada essa eficiente forma de obtenção de proteínas de peixes nas corredeiras dos rios, sugerimos que essas armadilhas, associadas a aldeias, poderiam ser *evidências para estudos de territorialidade*, da sociabilidade das famílias e de grupos sociais no trabalho coletivos de construção, manutenção e gerenciamento dos *pari*, bem como as possibilidades de estudos dos etno-conhecimentos Kaingang relacionados ao comportamento dos peixes e ao regime dos rios.<sup>6</sup>

A expressão *pari*, como significado de armadilha para coleta de peixe, foi registrada, talvez pela primeira vez, por Antônio Ruiz de Montoya nos seus escritos da década de 1630. Em “O Tesouro”, publicado em 1639, ele registrou: *Parí. çarço en que cae el pescado* (MONTROYA, 1639: 264). Essa informação deve ter sido coletada entre 1610 e 1630, quando Montoya missionou nas aldeias Guarani e nas Reduções Jesuíticas no Guairá. Essa estratégia de pesca, presentes em todos as corredeiras de rios e riachos dos territórios Guarani, também se encontrava nos territórios dos seus vizinhos, os Kaingang, que mantiveram a palavra para designarem não apenas o cesto onde coletavam os peixes, mas para todo o complexo construído: paredes de rocha construída no leito rochoso do rio com vértice direcionado à jusante, o funil condutor e o cesto coletor.

Na língua Kaingang, o termo “pari” aparece nos principais dicionários, nos vocabulários e em coletâneas de palavras feitas por viajantes desde o século XIX. No principal dicionário utilizado pelas populações Kaingang atualmente, o “Dicionário Bilingue Kaingang – Português”, escrito por Ursula G Wiesemann, ele aparece como substantivo, *pãri*, lugar onde se pega peixe, e como verbo, *pãrin*, como a ação de fazer, de construir o pari (WIESEMANN, 2002). Mas o termo já estava descrito no “Dicionário do Frei Mansueto B de Val Florianiana”, escrito 1920, com a participação dos grupos Kaingang que viviam no rio Tibagi, onde aparece grafado como *PARY* e com o significado de *Pary. logar no rio em que se caçam os peixes, feito artificialmente de pedras* (VAL FLORIANA, 1920). Telêmaco Borba, em 1883, ao descrever a alimentação dos Kaingang, disse que *Eles alimentam-se também de peixes, que eles capturam em parys*.<sup>7</sup>

Juan Ambrossetti a registrou nos seus estudos entre os Kaingang de São Pedro em Misiones, na Argentina, no final do século XIX. Ele afirmou que a palavra *Pari es guarani y es uma de las pocas que los Kainganges poseen de esse idioma* (AMBROSETTI, 1895:338). Com informações coletadas entre os Kaingang da aldeia de São Pedro entre 1892 e 1894, Ambrossetti produziu um croqui de uma dessas armadilhas.

6 Para maiores detalhes ver: NOELLI, FS; MOTA, LT; SILVA, FA; 1995. MOTA, LT; NOELLI, FS; SILVA, FA, 1996

7 Essa informação de Telêmaco Borba aparece pela primeira vez num artigo publicado na Revista da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa, no Brazil, Tomo II, 1883, (BORBA, 1883), esse artigo foi republicado na Revista Alemã Globus em 1886, (BORBA, 1886), e a informação que os Kaingang pescavam em pary reaparece no livro Actualidade Indígena, publicado em 1908. (BORBA, 1908:10)

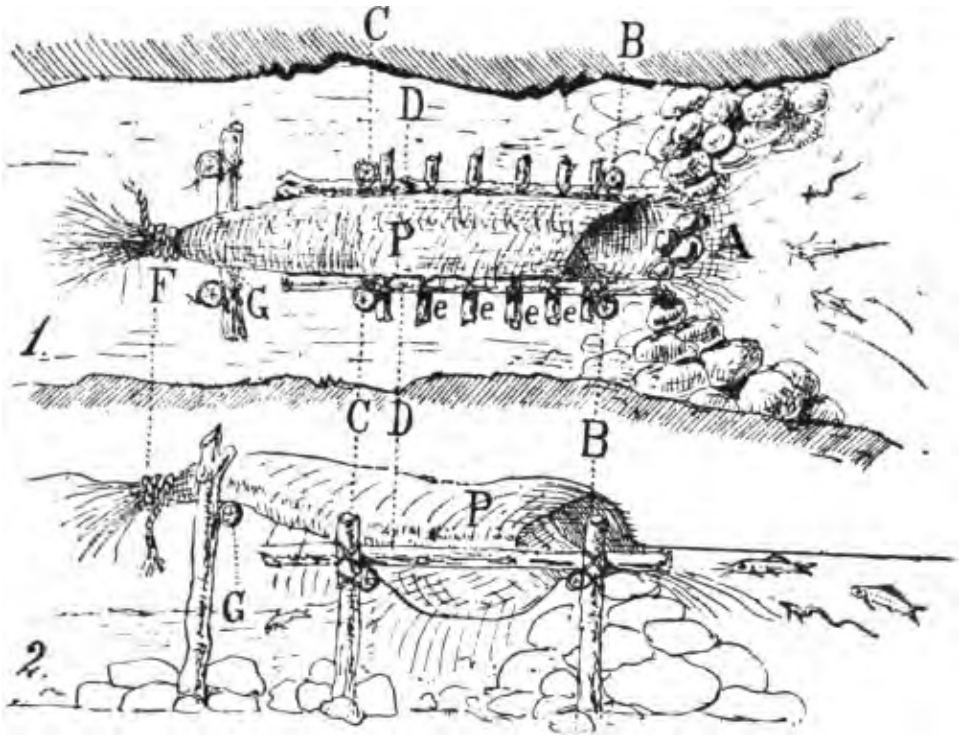


Figura 3. Croqui de um pari montado pelos Kaingang de São Pedro – Misiones Argentina. “Pari. 1 Visto de arriba – 2 Visto de lado”

Fonte. AMBROSETTI, 1895:339.

Mas, 125 anos antes da descrição de Ambrosetti, os soldados das expedições de Afonso Botelho, que percorriam o rio Iguaçu em busca da passagem para os campos de Guarapuava, relataram a existência dessas armadilhas em um dos seus afluentes da sua margem direita. Pela narrativa que o oficial Antonio da Costa Pimentel fez ao seu superior, o comandante Afonso Botelho de Sampaio e Souza, e depois enviada ao governador da Capitania de São Paulo, D. Luiz Antonio de Souza, ele e mais cinco soldados devem ter subido o rio da Areia, afluente da margem direita do rio Iguaçu, que eles denominaram de Pinheiros. No dia 12 de julho, depois de navegarem de 13 ou 14 quilômetros rio acima, encontraram um acampamento com fogueiras, restos de palmitos, pedras de amolar e uma estrutura de rochas que denominaram de “cerco que fizeram no rio para caçarem peixe”.

(...) e também vimos neste mesmo ribeirão signaes de índios, que julgamos ter tres mezes, onde estavão tres fogoens, canudos cortados com pedras, palmitos tirados com o mesmo artifício, huma de amollar. onde amollavão suas ferramentas. Inda isto mesmo não admira, porem o cerco que fizerão no Rio para caçarem peixe hé admiravel; qual moda hé cercar o Rio todo com pedras e bem postas, e no meyo hum encano das mesmas pedras e na boca do encano hum sesto *amanhando o peixe*, a qual fraze explico melhor a V. Ex.a e isto com toda a verdade, couza que não escapará nem o minimo peixe.

(1). (PIMENTEL, [1770] 1901:320)

Na publicação do documento feito na edição XXXIV dos Documentos Interessantes, não foi inserido o desenho feito pelo oficial Pimentel, mas, no manuscrito existente no Arquivo Público de São Paulo, podemos ver o croqui com o cerco de pedras e o cesto coletor no final do funil condutor.<sup>8</sup>

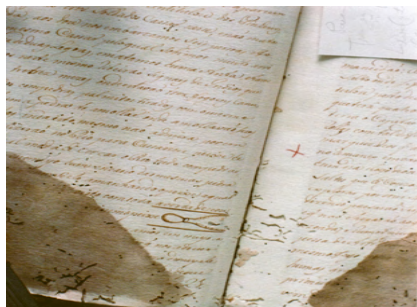


Figura 4. Desenho de um pari, provavelmente no rio da Areia no PR, feito em 1770 por Antônio da Costa Pimentel

Fonte. PIMENTEL, [1770] 1901:320.

Devemos ressaltar que a região que estava sendo explorada pelos soldados de Afonso Botelho em 1770, à margem direita do rio Iguaçu entre União da Vitória e os saltos abaixo da foz do rio Areia, tem sido pesquisada pela arqueologia desde a década de 1960 com a geração da informação de que ela foi ocupada por populações ceramistas relacionadas aos Jê do Sul.<sup>9</sup>

Quase 100 anos depois, em 1867, os engenheiros alemães Franz e Joseph Keller registraram essas estruturas no rio Tibagi, com a descrição das estruturas de cercamento do rio e das esteiras de captura dos peixes, também fizeram croquis explicativos dessas “stones fish traps” armadas nas corredeiras do rio Tibagi acima do Aldeamento de São Pedro de Alcântara.

Os índios, que n 'essas ocasiões estabelecem a sua morada próxima ao pary, tem apenas o trabalho de tirá-los, e o numero que matão d 'esse modo, ficando estragada a maior parte, é tão considerável, que no rio Tibagy, onde 3 leg. acima do aid. to de S. Pedro d'Alc. existe um pary com 6 ou 7 esteiras (KELLER, [1867] 1974:18).

8 O Redator dos Documentos Interessantes incluiu uma Nota de Rodapé sobre o desenho não incluído no texto publicado. (1) *Aqui traz o manuscrito um grosseiro desenho representando uma cerca de pedras encanando a agua para uma estreita passagem e uma cesta com a bocca collocada contra a corredeira de modo a receber e segurar todo o peixe que descesse o rio. Este systema de caçar peixe é ainda hoje usado entre os negros e caboclos no interior do Estado de S. Paulo. (N. da R.)*

9 Não cabe aqui a discussão sobre os dados arqueológicos do médio rio Iguaçu. Mas Igor Chmyz registrou em torno de 30 sítios entre o Rio Vermelho e o Rio da Areia. (CHMYZ, 1963; CHMYZ, 1964; CHMYZ, 1967; CHMYZ, 1968; CHMYZ, 1969) E o CNSA/IPHAN mantem em seus registros 13 sítios para o município de União da Vitória e 18 para Cruz Machado, [http://portal.iphan.gov.br/sgpa/cnsa\\_resultado.php](http://portal.iphan.gov.br/sgpa/cnsa_resultado.php). Para as correlações entre as Tradições ceramistas Itararé, Casa de Pedra e Taquara com os Jê do Sul Lúcio T MOTA, 2016



Figura 5. Croqui de um pary no rio Tibagi.

Fonte: KELLER, [1867] 1974.

Alguns anos depois, outro engenheiro, o inglês Thomas P. Bigg-Wither, descreveu as armadilhas de pesca dos Kaingang que encontrara no rio Ivaí.

Depois de ficarmos por algum tempo na pequena taba, descemos até o rio para ver uma armadilha de pegar peixes pertencentes aos índios e de que já tínhamos ouvido falar. Escolhida a posição para ela, a parte do rio de maior correnteza, acontece que, com a estiagem, o rio ficou encachoeirado, com uma queda total de cerca de 2 pés e 2 polegadas. Na parte superior dessa corredeira, eles construíram uma barragem de rochas e pedras soltas, deixando duas ou três aberturas, em determinados lugares, para a saída da água e passagem dos peixes. Nos canais assim preparados, colocaram o ponto convergente das varas de uma peneira, em forma de leque, feita de taquara. Essa peneira, com as varas ligeiramente curvadas para baixo na extremidade superior, tinha comprimento tal que, enquanto seu ponto de convergência se encontrava mergulhado diversas polegadas, a extremidade oposta, ao contrario, duas ou três polegadas acima da superfície, completamente fora d'água.

(...) A armadilha é assim muito simples e eficiente, embora tenha de ser frequentemente arranjada, em virtude do nível instável do rio.

Além disso, só pode ser usada na estação seca. Na época das enchentes a represa é geralmente carregada pelas águas e, por isso, todos os anos, ela tem de ser trabalhosamente refeita.

Vimos diversos peixes serem apanhados enquanto examinávamos esta primitiva armadilha (BIGG-WITHER, [1878] 1974;144-5).

Essa armadilha ficava a 3 quilômetros à jusante da Colônia Teresa Cristina e estava relacionada a uma aldeia Kaingang. O engenheiro Bigg-Wither não fez nenhum croqui dessa estrutura, mas em 2012 fizemos estudos no alto rio Ivaí e registramos a existência de oito dessas estruturas em um pequeno trecho do rio; elas ilustram como eram essas estruturas no leito do Ivaí.



Figura 6. Estruturas de pari no alto rio Ivaí

Fonte: Foto Lúcio T Mota, 2012. Em 02/05/2013, enviamos ao CNSA-IPHAN os dados de oito armadilhas e o CNSA cadastrou uma delas, a de número 5, sob o número PR01311.

## OS PARI DOS KAINGANG NO VALE DO RIO PIQUIRI

Registrada a ocorrência dessas armadilhas de pesca em alguns dos principais rios do Paraná, voltamos para as informações históricas anotadas pelo padre Francisco das Chagas Lima, relativas às atividades de pesca dos Kaingang no vale do rio Piquiri no início do século XIX. Passamos, então, a integrar as informações históricas com os dados arqueológicos, e vice-versa, no sentido de ampliarmos nossa compreensão sobre os padrões de assentamento dos grupos Kaingang no vale do rio Piquiri.

Os diversos grupos Kaingang que viviam nos territórios a oeste do rio Cavernoso, denominado por eles de *Sãgroro*, eram conhecidos, na vila de Guarapuava, pela denominação de *Dorins*, em razão do rio do mesmo nome onde eles tinham suas moradias. Esse rio, hoje, tem a denominação de rio do Cobre, um dos afluentes da margem esquerda do rio Piquiri. Nele, começavam os territórios ocupados pelos grupos Kaingang/Dorins. Esses territórios passavam pelos *Nerinhé* (Campos das Laranjeiras) e continuavam pelo vale do rio Piquiri até a foz deste no rio Paraná, nas soleiras das Sete Quedas.

As informações arqueológicas registradas para essa área, vale do rio Piquiri, no CNSA – Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do IPHAN -,<sup>10</sup> nas publicações da área de arqueologia, nos estudos arqueológicos relacionados a empreendimentos e em informações históricas, registram, até o momento, 68 sítios arqueológicos com vestígios cerâmicos da Tradição Itararé relacionados aos Kaingang. A possível correlação das tradições ceramistas Itararé, Casa de Pedra e Taquara com as populações Jê no sul do Brasil é apontada, com certa cautela, por alguns pesquisadores do PRONAPA, no caso do Paraná, por Igor Chmyz (Chmyz 1963: 509; Chmyz 1964: 204; Chmyz 1967: 35; Chmyz 1968: 58). Mas, foi Tom O. Muller Jr, que propôs em 1978, que

<sup>10</sup> Dados acessados no site do CNSA. <http://portal.iphan.gov.br/sgpa/?consulta=cnsa>. Acesso em 20/04/2020. Res-salva-se que muitos desses municípios foram criados em anos recentes e seus dados podem estar registrados nos municípios dos quais foram desmembrados.

(...) as Tradições Cerâmicas Itararé e Casa de Pedra são sub-tradições de uma única tradição cerâmica associada com a utilizada pelos povos de fala kaingang-xokleng conhecidos historicamente. (MILLER JR, 1978:33).

Desde então, diversos arqueólogos têm relacionado as populações que fabricaram artefatos cerâmicos, definidos como Tradições Itararé, Taquara e Casa de Pedra, com os ancestrais das populações Jê no sul do Brasil.

A literatura arqueológica elenca alguns padrões de ocupação dos ancestrais dos Kaingang nessa região. Muito comuns são os sítios-oficina, caracterizados como locais de preparo de artefatos líticos, por polimento ou lascamento; os sítios/aldeia, onde são encontrados vestígios de habitações, material cerâmico contendo vasilhas inteiras e/ou fragmentos, artefatos líticos, dentre outros. Além dos vestígios da indústria lítica e do material cerâmico, destacam-se as construções/monumentos reconhecidos nos estudos arqueológicos relacionados aos Jê do Sul do Brasil. No vale do rio Piquiri, foram evidenciados os seguintes monumentos:

As **galerias subterrâneas** são outro tipo de estrutura presente nos sítios relacionados às populações ancestrais dos Kaingang no vale do Piquiri. Essas galerias são possíveis túneis de ligação entre casas subterrâneas e/ou servem de canal de fuga, em caso de ataques. Esse é o caso do sítio Três Buracos – PR-RO-001 (CNSA PR00060) -, registrado por Igor Chmyz às margens do ribeirão Azul, em Campina da Lagoa. Conforme CHMYZ & SAUNER, 1971:12, essa galeria estava associada a aterros/enterramentos de pequeno porte.

Os **aterros – enterramentos**, registros arqueológicos de CHMYZ & SAUNER, 1971, confirmam dois tipos dessas estruturas. A primeira em forma de elipse, medindo de 1,20m a 3,00m de comprimento, por 0,70m a 1,20m de largura, chegando até 0,50m de altura. E, no entorno dessas elipses, havia uma vala de 0,40m a 0,70m de profundidade. Poderiam ocorrer várias dessas estruturas em um mesmo sítio. A segunda forma dessas estruturas de enterramento tem o formato de cone. Elas variam de 4,00m a 13,00m de diâmetro, chegando até a 2,00m de altura, também contornadas por valas de 0,40m a 0,70m de profundidade. Diferenciam-se das estruturas anteriores por ser encontrada apenas uma unidade por sítio arqueológico. Os aterros/sepulturas de menores diâmetros podem ser encontrados espalhados entre as estruturas das casas subterrâneas, e os de maiores diâmetros são encontrados na parte central do sítio/aldeia. Mas foram encontradas também aglomerações de aterros/sepulturas de pequenos diâmetros não associadas às estruturas das casas subterrâneas.





Figura 7: Aterro Grande - Sítio arqueológico Carajá 1 - PR-UB-004 (CNSA PR00553)

Fonte: CHMYZ & SAUNER, 1971:21-23



Figura 8: Casa subterrânea - Sítio arqueológico Carajá 1 - PR-UB-004 (CNSA PR00553)

Fonte: CHMYZ & SAUNER, 1971:26.

As **Casas subterrâneas**, estruturas conhecidas como casas subterrâneas, ou semissubterrâneas, presentes nos sítios associados aos Kaingang no vale do Piquiri, têm variação no tamanho, podendo ir de 1,20m a 5,00m de diâmetro e de 0,40m até 3,00m de profundidade. Em muitas delas, são encontradas bordas, em forma de um anel, para vedação de entrada de água. Nos sítios pesquisados no vale do Piquiri, são encontrados sítios com até 12 dessas estruturas sem uma ordem ou agrupadas em forma de um arco, e há sítios com uma casa maior associada a outras menores (CHMYZ & SAUNER, 1971).

As pesquisas arqueológicas apresentam duas datas para a ocupação Kaingang nos seus tradicionais territórios nos Campos de Guarapuava e vale do rio Piquiri. O sítio

Carajá 1 – PR-UB-004 (CSA00553) -, pesquisado nos anos de 1970 por Igor Chmyz e Clara Sauner, no município de Ubiratã (CHMYZ & SAUNER, 1971), mostra uma ocupação mais antiga que chega próxima a 900 anos AP (CHMYZ, 1981:91). Uma segunda datação foi realizada no sítio Arroio do Tanque, bem próximo do antigo Aldeamento de Atalaia. Escavado e datado recentemente, esse sítio apresentou uma ocupação que chega a 700 anos AP.

Nº	Município	Nome do sítio e coordenada UTM	Número CNSA	Datação	Referência
1	Ubiratã	Carajá 1 – PR-UB-004 22J 286473 m E 7290826 m S <sup>11</sup>	PR00553	1105+-100 AD	CHMYZ, 1981:91
2	Guarapuava	Arroio do Tanque 22J 445724 m E 7203974 m S		710 +-30 BP	ARQUEOLOGISTICA, 2019

Quadro 1: Sítios arqueológicos datados no vale do Rio Piquiri

Fonte: o autor

No entanto, as pesquisas arqueológicas sobre a ocupação do vale do rio Piquiri não prestaram atenção nas informações que os Kaingang deram ao padre Francisco das Chagas Lima, na vila de Guarapuava, no início do século XIX, e não relacionaram os registros etnográficos, históricos e geo-históricos feitos na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. O descuido da arqueologia para com as estruturas de rocha construídas nas corredeiras dos rios destinadas à captura de peixes pode estar ocorrendo por diversos motivos. Podemos elencar desde as dificuldades inerentes ao registro arqueológico em si como a não preservação das estruturas em razão do regime de cheias dos rios que desarranjam e tornam as estruturas “invisíveis”; época certa para visualização quando os rios estão com pouco volume de águas; não percepção dos arqueólogos em campo para esse tipo estrutura.<sup>12</sup> Mas também pode ser por questão metodológica relacionada à falta de diálogo da arqueologia com dados gerados pela história e pela geografia.

De volta ao diálogo de despedida dos Kaingang com o padre Chagas Lima no domingo da Páscoa, 26 de março de 1826, vimos que eles confirmaram que estavam voltando para seus territórios no vale do rio Piquiri, distantes *de doze a quatorze léguas*, entre 80 a 92 quilômetros, da vila, para fazerem *a pescaria de peixe grosso no rio Piquiri*.<sup>13</sup>

Era o fim do verão e início do outono, quando as águas dos rios começavam a

11 As coordenadas em UTM dos sítios localizados no município de Ubiratã, pesquisado por CHMYZ e SAUNER, 1971, são as do recadastramento feito por Antônio Carlos Mathias Cavalheiro, **Relatório parcial 2**, Processo nº.: 01508.000827/2016-41, 2019.

12 Sobre essa questão do descuido das “stones fish trap” ou dos “fishweirs” pela arqueologia norte americana ver Allen H LUTINS, 1992.

13 Relatório escrito ao presidente da Província de São Paulo, Lucas Antônio Monteiro de Barros, no dia 8 de abril de 1826. Cf. Francisco das Chagas LIMA. Manuscrito, 08/04/1826. APESP, Ordem 0987, p 1-2. Adotamos aqui a medida 6,600 mts para o equivalente de uma légua.

baixar e tinha início a captura dos peixes na vazante dos rios. A partir de meados de março, terminava o período da piracema, da desova e reprodução, e os peixes começavam a descida dos rios e riachos onde eram facilmente capturados em suas armadilhas. Era uma época de fartura de proteína animal disponível no rio Piquiri e afluentes. Desde a sua nascente, na serra do São João, nos municípios de Turvo e Guarapuava, a 1.040m de altitude, o rio Piquiri percorre 660km até sua confluência no rio Paraná, na elevação de 224m. Da nascente à foz, o Piquiri tem um desnível de mais de 800m, abrigando centenas de corredeiras e quedas maiores onde os Kaingang poderiam armar seus *parys* para a captura de peixes.

Cinquenta anos depois, em janeiro de 1876, Telêmaco Morocines Borba e seu irmão Nestor Borba fizeram uma viagem de exploração dos rios Tibagi, Paranapanema, Paraná e Piquiri. Saíram da Colônia Militar do Jataí, no dia primeiro de janeiro de 1876, e no dia 20 eles iniciaram a subida do rio Piquiri. Logo, começaram a perceber sinais da presença de indígenas nas barrancas do rio e, no dia 22, encontraram o cacique *Joré* e um pequeno grupo de 13 Kaingang. No dia 24 de janeiro, depois de percorrem 80 quilômetros rio acima, chegaram às corredeiras onde estava o *emã* (aldeia) do cacique *Joré*. Ali o que mais impressionou Telêmaco Borba foram as armadilhas de pesca armadas em toda a extensão das corredeiras.

Ao meio dia avistaram a corredeira do Pari que estava completamente cercada por estes artifícios de apanhar peixes. Os índios vendo os exploradores lutar com a forte correnteza, lançaram-se à água, pegaram as canoas e as foram arrastando até os Paris; desembarcados foi-lhes oferecido grande quantidade de peixe assado e bolos de milho assados na cinza.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Cf, Telêmaco BORBA, 1908:158. Seu irmão Nestor também publicou um relato dessa viagem, ver: Nestor BORBA. Excursão ao Salto da Guayra ou Sete Quedas pelo Capitão Nestor Borba. RIHGB, v. 61, N° 97, p.65-87, 1896.

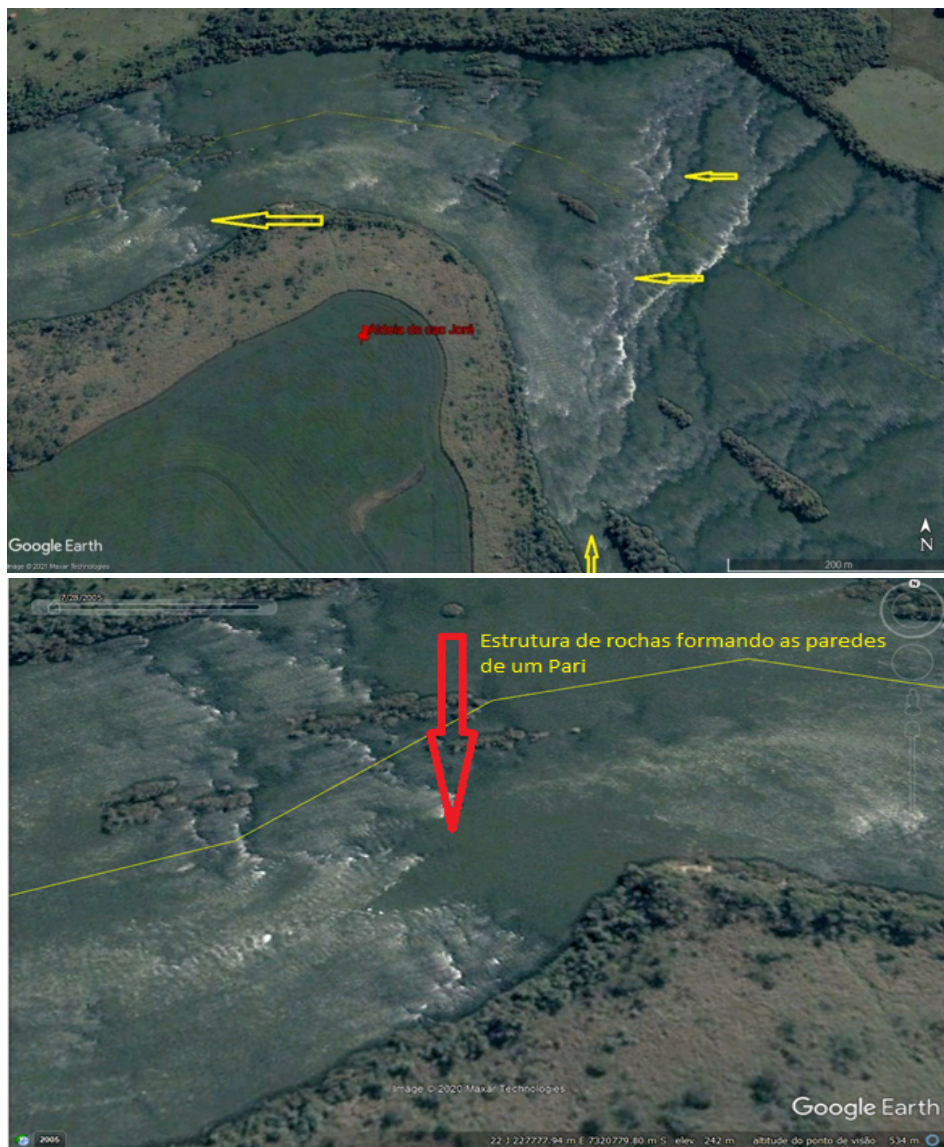


Figura 9: Os diversos pari da aldeia dos caciques *Joré* e *Gembré* em um trecho do rio Piquiri, visitado por Telémaco e Nestor Borba em 1876. Sítio número 62 no mapa anexo

Fonte: Google Earth. Imagem de 20/07/2005, acessada em 13/06/2020. Com inserções do autor.

A abundância de peixes nesse trecho do rio Piquiri, que tinha sido constatada com a pesca no dia anterior, pelos homens da expedição, de *alguns dourados, cariphona e um Jahú, (Vasres?) de trez metros de comprimento, pezando seguramente 150 kilos.*<sup>15</sup>

<sup>15</sup> AGOSTINHO, 1997, afirma ser o rio Piquiri habitat de 57 espécies de peixes. Destaca a abundância dos Lambari (*Astyanax, Bryconamericus*), da Saicanga (*Galeocharax knerii*), dos Dourados (*Salminus maxillosus*), os Piaus e Pia-paras (*Leporinus*), os Curimbatá (*Prochilodus lineatus*), e conhecidos peixes de couro como o Mandi (*Iheringichthys labrosus*), os conhecidos como Pintados, Surubim (*Pseudoplatystoma corruscans*) e os Cascudos (*Hypostomus* spp.)

(BORBA, 1908: 156), foi confirmada quando eles chegaram às corredeiras e receberam, dos Kaingang, uma grande quantidade de peixes coletados nas armadilhas existentes no leito do rio. Ainda hoje, conforme a cota do rio, podemos observar vestígios dessas estruturas no local visitado pelos *irmãos* Borba.

Dez anos depois da viagem dos irmãos Borba, temos a descrição de outro viajante que chegou pelo caminho utilizado pelos Kaingang desde Guarapuava até os Toldos<sup>16</sup> de vários grupos Kaingang no médio rio Piquiri. Em 1884, José Francisco Thomas do Nascimento recebeu permissão para *explorar chumbo, ouro, sal gemma e outros minérios nos terrenos devolutos existentes entre o rio Iguassu, os limites Norte deste e do Tybagi e Campos de Gurapuava até encontrar o rio Paraná*.<sup>17</sup> Em maio de 1885, Nascimento estava em Juquia, atual cidade de Goioxim, onde recebeu a visita do cacique Nhon-nhon, um jovem de 24 anos que estava acompanhado de sua mulher, chamada Anna Dona de 17, e de mais alguns homens e mulheres do seu grupo. Depois de presenteá-lo com roupas, armas e ferramentas, Nascimento solicitou que Nhon-nhon lhe cedesse quatro homens para guiá-lo em uma picada, que fosse da fazenda do Chagu até o rio Paraná, e que enviasse homens até os Toldos do cacique Janguió, também no rio Piquiri, convidando-o para comparecer em Juquia. Dadas as ordens, o jovem cacique seguiu com o restante de seu grupo para Guarapuava enquanto Nascimento empreendia sua exploração nos territórios a oeste da fazenda Chagu.

Da fazenda Chagu, a comitiva de Nascimento seguiu 9 léguas (60km) em direção noroeste até encontrar uma aldeia que estava recentemente abandonada e foi identificada como pertencente a grupos Guarani. Percebendo estarem em territórios Guarani e com receio de um ataque, os guias Kaingang orientaram o imediato retorno para Juquia. Ali ficaram aguardando o cacique Janguio, que chegou no dia 14/06. com um grupo de 25 pessoas entre homens, mulheres e crianças.

Janguió é um homem de estatura média, de seus quarenta annos de idade, semblante carregado para os de sua comitiva, de poucas palavras, olhar penetrante e desconfiado, traz um minguido bigode, barba e sobranceiras raspadas, trazendo por armas uma grande e aguçada lança que não largava da mão, e sua gente armada de arcos e flexas; as mulheres traziam seus filhos pequenos sobre uma cinta a tiracollo, e um cesto conico preso á outro cinta, as quaes são feitas de cascara do pao ou tecidas de cipó, preso na testa e o cesto fica sobre o dorsal, e nelles carregam grandes pesos. (NASCIMENTO, 1886: 270)

16 Os Toldos dos grupos liderados por Janguió estava a jusante dos Toldos do cacique Nhon-nhon. Possivelmente nas corredeiras conhecidas como Apertados na confluência do rio Goio-erê. Ali CI PARELLADA, 2013, identificou vestígios de cerâmica da Tradição Itararé nas duas margens do rio Piquiri, e registrou dois Sítios Arqueológicos dessa Tradição: Recanto Apertado Piquiri I e Areia Branca Apertado I; e subindo o rio Goio-erê 10 Km ela registrou o Sítio Cachoeira Guairacá I, também com ocorrência de vestígios cerâmicos da Tradição Itararé.

17 Cf. Decreto N° 9261 – de 16 de Novembro de 1881. Actos do poder Executivo de 1884. Acessado em 05/01/2022. <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis/colecao8.html> José Francisco Thomas do Nascimento teve essa autorização renovada pelo Decreto N° 9656 de 11 de outubro de 1886. Antes da viagem de Nascimento temos notícias de mais duas viagens de Guarapuava pelos Campos do Mourão e rio Piquiri até Sete Quedas. A de Norberto M Cordeiro feita na segunda metade de 1881, e a de Emilio Gengembre em 1882. Elas não informa a ocorrência de paris.



Assim o explorador de minérios descreveu o cacique Janguió e seu grupo. Depois de alimentados com milho, abóboras e carne de porco e feita a troca de presentes, os Kaingang receberam roupas, uniformes, *chapeos*, ferramentas e armas e presentearam Nascimento com *seis bonitos papagaios, uma arára e quatro periquitos apanhados nas Sete Quédas do Paraná* (NASCIMENTO, 1896: 271) Finalizados os protocolos, celebraram com danças e cantorias, e, no dia seguinte, o cacique Janguió iniciou sua viagem de regresso com a missão de ir alargando o caminho já existente para passagem das tropas cargueiras da comitiva de Nascimento.

No dia 20 de maio de 1885, Nascimento seguiu rumo aos *emãs* Kaingang com cinco camaradas e oito cargueiros carregados. Depois de 13km, encontraram-se com o grupo do cacique *Nhon-nhon*, que tinha retornado de Guarapuava e os aguardava para guiá-los até seu Toldo, no médio rio Piquiri. Depois de cinco dias de viagem, encontraram um Toldo Kaingang com 18 pessoas quando estavam perto de atravessarem o rio Piquiri para sua margem direita, com possibilidade ser esse, hoje, o local onde se localiza a balsa que interliga Goioxim com Palmital por estrada de terra. Tanto à montante como à jusante dessa balsa, localizam-se várias corredeiras com indícios de vestígios de paredes de rocha no leito do rio.

A viagem prosseguiu e chegaram ao rio Cantu, afluente da margem direita do rio Piquiri, podendo ter cruzado o rio onde foram localizados o sítios arqueológicos Rio Cantu 1 (PR01814) e Arroio do Susto 1, (CNSA PR01738), ambos contêm fragmentos de cerâmica da Tradição Itararé, relacionados à ocupação Kaingang,

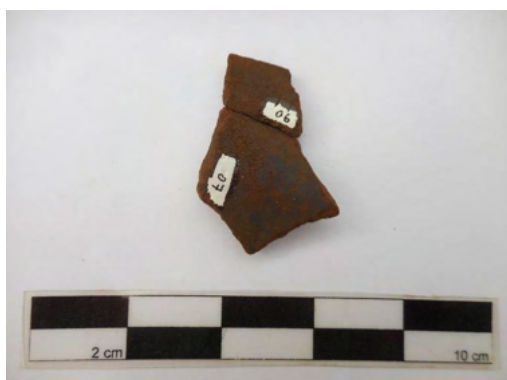


Figura 10: Fragmento de Bojo e Borda - Arroio do Susto I

Fonte: SCHWENGBER, V. L., et al, 2015:114.

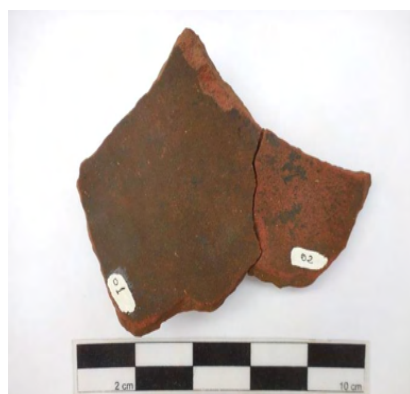


Figura 11: Fragmento de Bojo e Borda – Rio Cantu I

Fonte: SCHWENGBER, V. L., et al, 2015:97.

No sítio Rio Cantu I a ocorrência do material cerâmico característico da Tradição Itararé- Taquara permite inferir que sua formação é resultado da ocupação empreendida por grupos Jê Meridionais. No sítio Arroio do Susto



I, a presença de uma mão de pilão associada a um material cerâmico aparentemente. Jê, indica que este também se trata de um sítio Jê Meridional (SCHWENGBER, V. L., et al, 2015:150).

Ao examinamos adjacências do sítio Arroio do Susto 1, verificamos, no leito do rio, os vestígios de uma estrutura de rochas para captura de peixes.



Figura 12: Estrutura de rochas em forma de V compondo uma armadilha de pesca – pari -, no rio Cantú ao lado do sítio arqueológico Arroio do Susto

Fonte: Google Earth. Imagem de 13/03/2011, anterior ao preenchimento do lago da PCH Nova Cantú 2, acessada em 13/06/2020. Com inserções do autor

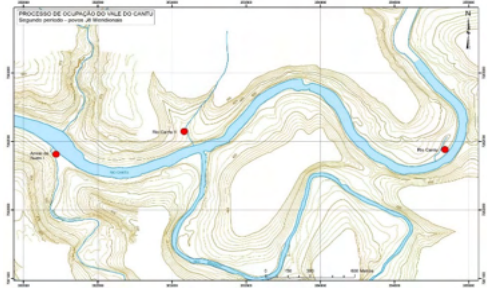


Figura 13: Processo de ocupação do vale do Piquiri – Segundo período – Povos Jê Meridionais

Fonte: SCHWENGBER, V. L., et al, 2015: Relatório Final, Plantas e Mapas

A comitiva do explorador José Francisco T. do Nascimento continuou seguindo o “Caminho dos índios”, que agora percorria os campos nos interflúvios dos rios Cantu e Goio-bang (renomeado como Tricolor) até chegar à localidade conhecida por Campina do Vitorino, hoje a cidade de Campina da Lagoa. Nessa região, o explorador de minerais deve ter voltado suas atenções mais para os afloramentos rochosos do que para os grupos indígenas que o visitavam em sua marcha. Estava, e ele devia ter conhecimento, na região das minas de ferro do Tambo, descrita pela documentação espanhola e pelas cartas dos jesuítas. Região, que, um século mais tarde, seria pesquisada pelo arqueólogo Igor Chmyz cujos dados já foram apresentados anteriormente.

Dos Campos do Vitorino, o “Caminho dos Índios” flexionava para sudoeste passando por onde está a cidade de Ubitatã e, acompanhando o riacho Pinhãozinho, chegava novamente no rio Piquiri. Ali, na confluência do ribeirão Pinhãozinho, o leito era rochoso, com corredeiras, e estavam em funcionamento as armadilhas de pesca, os pary do grupo do cacique *Nhon-nhon*. Então, Nascimento fez uma descrição do pary:

Pary é um lugar feito com pedras soltas arrumadas em fôrma de angulo obtuso, nos lugares das corredeiras menos fundas do rio; é ahi que elles encurralam os peixes, que ficam presos em tecidos de taquara, e dahi tiram-no com abundancia para comerem (NASCIMENTO, 1886: 272)

Nesse local, confluência do rio Pinhãozinho no Piquiri, o explorador de minérios fez uma reunião com seis caciques, quatro deles tinham suas aldeias nas imediações, e dois vieram de aldeias mais distantes. Nascimento propôs a eles que se mudassem para as proximidades da freguesia de Teresina, no rio Ivaí. O cacique Janguió, falando por todos, respondeu que não queriam sair do rio Piquiri e que os caciques Gembré e Barão, que moravam perto das Sete Quedas, também não queriam se mudar. Essa resposta encerrou o assunto da mudança.

Toldos/Cacique	Local
Nhon-nhon (24 anos) - filho do cacique Raphael	Corredeiras à montante e jusante da confluência do rio Pinhãozinho no Piquiri
Raphael - pai do Cacique Nhon-nhon	
Capitão Manoel	
Cadet	
Major <sup>18</sup>	Margem esquerda do rio Piquiri
Janguió	À jusante da confluência do rio Pinhãozinho
Gembre	À jusante da confluência do rio Pinhãozinho
Barão	À jusante da confluência do rio Pinhãozinho

Quadro 2: Toldos/caciques no médio rio Piquiri em 1885/86

Fonte: o autor a partir de NASCIMENTO, 1886: 273.

Se Nascimento tivesse prosseguido rio Piquiri abaixo, certamente encontraria o *emã* do cacique Janguio na localidade denominada “Apertados” e, mais abaixo, os *emãs* dos caciques Gembre e Barão, assinalados no mapa de 1896 como “Pari – Capitão Gembré”, visitado pelos irmãos Borba em 1876,

Os Kaingang tinham guiado a expedição de Nascimento por seu antigo caminho, que ligava o vale do Piquiri até os campos de Guarapuava, conhecido como “Caminho dos Índios Coroados”, como está assinalado em mapas do final do século XIX. Esse caminho seguia de Guarapuava em direção ao noroeste, passava pelo rio *Sãgroro* (Cavernoso) e chegava nos interflúvios deste com o rio do *Dorin* (Cobre) onde estavam as antigas aldeias, depois nominadas, pelos colonizadores, de Juquiá, hoje *Goioxim*. Continuava rumo noroeste e cruzava o rio Piquiri, provavelmente onde se localiza a balsa que interliga *Goioxim* com Palmital por estrada de terra. Seguindo a noroeste, cruzava o rio Cantu e percorria os campos nos interflúvios dos rios Cantu e *Goio-bang* (renomeado como Tricolor) e chegava à localidade conhecida por Campina do Vitorino, hoje a cidade de Campina da Lagoa. Depois, em uma elipse em direção a oeste, passava por Ubiratã, acompanhava a margem esquerda do rio Pinhãozinho até sua confluência no rio Piquiri, ondes estavam as

18 Em 1881 o cacique Major esteve em Guarapuava e o Diretor dos Índios a época, Luiz Daniel Cleve informou que ele já era de idade avançada, e era pai do cacique Jongjó. As incertezas sobre os nomes dos caciques dos grupos Kaingang no rio Piquiri bem como suas relações de parentesco, a demografia de suas aldeias, etc, necessitam de pesquisas mais aprofundadas na documentação existente. CLEVE, 1881.

aldeias Kaingang. Depois, o “Caminho dos Índios” seguia em direção ao sul, contornando os territórios Guarani a oeste, até alcançar o rio Iguaçú.



Figura 14: Caminho dos Índios Coroados de Guarapuava ao rio Piquiri e deste ao Rio Iguaçú.

Fonte: PARANÁ. Mappa do Estado do Paraná. 1896. Com modificação pelo autor.

Quando os Kaingang se despediram do padre Chagas Lima, em 1826, eles rumaram para suas aldeias no rio *Dorin* (Rio do Cobre). Esse rio tem suas nascentes a 1.100m de altitude ao norte da cidade de *Goioxim* (rio pequeno), percorre uma topografia acidentada até sua confluência no rio Piquiri a 490 metros de altitude. Nesse desnível de 600 metros, inúmeras são as corredeiras onde os Kaingang poderiam armar seus *pari* para a captura de peixes. Passados quase 100 anos, em 1921, o SPI – Serviço de Proteção aos Índios - produziu um mapa dessa região, e, na confluência do rio *Dorin* (Cobre) com Piquiri, estava o Toldo de um grupo Kaingang liderado pelo cacique *Nhonho*.



Figura 9: “Croquis do terreno ocupado pelos índios, no Rio Piquiri, cuja reserva e pedida pelos mesmos”

Fonte: SPI, 1921. Mapoteca do IAT/PARANÁ.

As famílias Kaingang que ali viviam podiam armar seus *pari* tanto nas corredeiras do rio *Dorin* (Cobre) como nas corredeiras do Piquiri. Mas, a partir dali, começava a *pescaria de peixe grosso*, como seus antepassados haviam informado ao padre Chagas, 100 anos antes.

A ocupação Kaingang, com a utilização dos *pari* para pesca, começava nas nascentes dos rios *Dorin* (Cobre), *Pai-ke-rê* (Piquiri), *Kantu* (Cantu) e outros menores, seguia pela bacia hidrográfica do Piquiri, até sua confluência no rio Paraná nas soleiras das Sete Quedas. Neste local, a arqueologia localizou vestígios dessa ocupação. Igor Chmyz, nas décadas de 1970 e 1980, cadastrou quatro sítios com cerâmica da Tradição Itararé na área urbana de Guaira. Esses sítios estão posicionados à margem esquerda do rio Paraná, ao lado das corredeiras, à montante dos primeiros saltos das Sete Quedas. Anos mais tarde, uma equipe do LAEE/UEM, sob a orientação do professor Francisco Silva Noelli, prospectou fragmentos cerâmicos relacionados aos Jê do Sul na Ilha do Major, defronte aos sítios cadastrados por Chmyz (SILVA, JB.; NOELLI, FS, 2002).

N	Nº CNSA	Nome na Ficha do CNSA/SGPA	Outras denominações	Referência
1	PR00225	Sete Quedas	PR-FO-002	CHMYZ, 1977:129
2	PR00231	Sete Quedas 7	PR-FO-008	CHMYZ, 1977:130
3	PR00232	Sete Quedas 8	PR-FO-009	CHMYZ, 1977:130
4	PR00262	Prainha 5	PR-FO-041	CHMYZ, 1983:93

Quadro 3: Sítios com cerâmica da Tradição Itararé na área urbana de Guaira

Fonte: O autor a partir de CHMYZ, 1977; CHMYZ, 1983.

## CONCLUSÃO

Associados aos seus *emãs* (aldeias), próximos às corredeiras do rio Piquiri e seus afluentes, estavam os *pari*, as armadilhas para captura de *peixe grosso*, como os Kaingang haviam informado ao padre Francisco das Chagas Lima na vila de Guarapuava, em 1826. As informações históricas, quando relacionadas com os dados arqueológicos, possibilita entendermos o manejo que os Kaingang faziam de seus territórios conforme as estações do ano. Além das florestas, campos e serras<sup>19</sup>, somam-se esses ecótonos, as corredeiras dos rios e riachos onde os Kaingang montavam suas armadilhas de pesca, que otimizavam a exploração dos recursos alimentares fornecidos pelos rios, o que lhes potencializava a obtenção de proteínas animais e ao mesmo tempo sofisticava suas relações socioculturais no trabalho coletivo nos *paris*.

Os dados arqueológicos no vale do rio Piquiri apontam que, por volta de 700 a 900 anos antes do presente AP, os ancestrais dos Kaingang passaram a desenvolver um sistema

<sup>19</sup> Cf, Kimiye TOMMASINO, 2000:193

de povoamento da região sustentado em um maior adensamento populacional e de forma mais sedentária. Isso é evidenciado pela presença das estruturas das galerias e casas semissubterrâneas. Esse adensamento com maiores índices populacionais teria levado a organizações sociopolítica e religiosa mais complexas, com hierarquias políticas mais definidas, o que resultaria na construção de montículos funerários de maiores dimensões, como o escavado por Chmyz, em 1971, para distinção de suas lideranças políticas mais importantes.<sup>20</sup>

Em um estudo comparativo da ocupação dos Jê do Sul do Brasil, SOUZA e MERENCIO afirmam que, no baixo rio Piquiri e no médio Iguaçu, o sistema de assentamento Jê foi distinto do resto do Paraná, com destaque para “*maior densidade demográfica e sedentarismo*”, que levou à construção de estruturas, como as casas semissubterrâneas e os montículos funerários, evidenciando uma sociedade mais complexa. Essa ocupação adensada e sedentária foi encontrada pelos primeiros europeus que cruzaram a região no século XVI e fundaram a ermida de Nossa Senhora de Copacabana no médio Piquiri e pelos padres jesuítas que ali fundaram a Redução de Conceição Nossa Senhora dos Guaranos, em 1627 (CORTESÃO, 1951).

Souza e Merencio sugerem, como hipótese para esse adensamento e complexificação sociopolítica dos Kaingang no médio rio Piquiri, a “*circunscrição territorial por grupos Tupi-Guarani*” (SOUZA e MERENCIO, 2013: 117). Para confirmação dessa hipótese, teríamos que discutir as teorias da circunscrição, a ambiental e a social, propostas por Robert CARNEIRO, (1970); verificar se existe algum fator ambiental que levou ao adensamento Kaingang; averiguar as temporalidades da ocupação Guarani no vale do rio Piquiri; e constatar se os registros arqueológicos evidenciam essa circunscrição.

Nesse caso, dos Kaingang do médio Piquiri, o adensamento, o sedentarismo, a complexificação social nos parecem mais resultantes de forças endógenas que operaram por dentro da sociedade Kaingang e menos por pressões externas das populações Guarani. Para compreensão dessas forças internas que estão impulsionando os Kaingang para a ampliação de seus territórios<sup>21</sup>, a construção de monumentos e a sofisticação sociopolítica com a construção de *mounds* para suas lideranças, uma perspectiva seria relacioná-las ao aumento da população resultante de uma crescente produtividade de alimentos<sup>22</sup>. E essa produtividade alimentar e esse aumento de rendimento na obtenção de proteínas animal podem estar relacionados com o manejo dos recursos alimentícios pesqueiros feito pelos

20 Para essa discussão ver: MV, BEBER. 2004, que faz um estudo das características dos sistemas de assentamento dos ceramistas da Tradição Taquara/Iitararé no sul do Brasil. CI PARELLADA, 2013, apresenta uma síntese sobre os sítios arqueológicos e históricos no vale do rio Piquiri, e dados dos diversos Relatórios de pesquisa arqueológicas que ela realizou na região. JG SOUZA e FT MERENCIO, 2013, fazem um estudo comparativo com a ocupação dos Jê do Sul em outra região do PR e em SC e RS.

21 Temos dois sítios datados no Rio Piquiri e adjacências. O Sítio Carajá 1 – PR00553 com data de 855±95 AP, e a quase 200 Km dali, a montante nas nascentes do Piquiri temos o Sítio Arroio do Tanque datado em 710 ±30 AP, o que pode mostrara a expansão dos grupos Kaingang, nesse período de 200 anos, pelo rio Piquiri transpuseram suas nascentes e estavam nos interflúvios do rio Ivaí. Para melhor compreensão dessa expansão teríamos que ter mais datas, principalmente nos sítios no entorno das Sete Quedas em Guaira.

22 Sobre essa questão ver: Julian H STEWARD, 1949 e 1948. También Leslie WHITE. 1943.

Kaingang por meio de suas “stones fish traps”, de seus *pari*, espalhados pelas milhares de corredeiras do rio Piquiri e seus afluentes.

## REFERÊNCIAS

### Documentação manuscrita do Arquivo Público do Estado de São Paulo

LIMA, Francisco das Chagas. **Relatório escrito ao presidente da Província de São Paulo, Lucas Antônio Monteiro de Barros, no dia 8 de abril de 1826.** Manuscrito, 08/04/1826. APESP, Ordem 0987, p 1-2.

### Brasil: Leis, Decretos

BRAZIL. **Decreto Nº 9261 – de 16 de Novembro de 1881.** Actos do poder Executivo de 1884. Acessado em 05/01/2022. <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis/colecao8.html>

BRAZIL. **Decreto Nº 9656 de 11 de outubro de 1886.** Actos do poder Executivo de 1884. Acessado em 05/01/2022. <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis/colecao8.html>

### Referências

AGOSTINHO, AA; et al. Composição, abundância e distribuição espaço-temporal da ictiofauna. In: VAZZOLER, AEAM., AGOSTINHO, AA. & HAHN, NS. (Ed.). **A planície de inundação do alto rio Paraná: aspectos físicos, biológicos e sócio-econômicos.** EDUEM, Maringá. 460p. 1997. p 179-208.

AMBROSETTI, Juan B. Los indios Kaingángues de San Pedro (Misiones), con un vocabulario. Buenos Aires: **Revista del Jardín Zoológico de Buenos Aires**, tomo II, ent. 10, 1895, p. 305-387.

ARQUEOLOGÍSTICA, Consultoria Arqueológica. **Relatório final do Programa de Resgate Arqueológico e Educação Patrimonial, do sítio “Arroio do Tanque” e Área de Ocorrência Arqueológica. Distrito de Palmeirinha, Guarapuava / PR.** Processo Nº 01508.900116/2017-59. Anexo 01 - Resultado da datação da amostra de carvão, realizada no Laboratório Beta Analytic, pelo método RadiometricPLUS de datação por radiocarbono. Maringá: 2019, p. 1-5.

BALDUS, Herbert. Culto aos mortos entre os Kaingang de Palmas. In: Herbert BALDUS. **Ensaio de Etnologia Brasileira.** 2ª. ed. São Paulo/ Brasília, Companhia Editora Nacional/INL-MEC (Coleção Brasileira, vol. 101). 1979. p.8-33. (1ª ed. 1937. p. 29-69).

BALIKCI, Asen. **The Netsilik Esquimo.** Nova York. The Natural History Press. 1970

BAERREIS, David Albert. The Ethnohistory Approach and Archaeology. **Ethnohistory**, v. 8, n. 1, p. 49-77, 1961.

BEBER, M.V. 2004. **O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do planalto sul-brasileiro: o caso da tradição Taquara/ Iтарaré.** Tese de Doutorado. UNISINOS, São Leopoldo.

BIGG-WITHER, Thomas P. **Novo Caminho no Brasil Meridional: a província do Paraná, três anos em suas florestas e campos 1872/1875.** Rio de Janeiro/Curitiba, José Olympio/ UFPR, 1974.

BOAS, Franz. **The Kwakiutl of Vancouver Island.** Leiden: E.J. Brill, 1909.



BORBA, Nestor. Excursão ao Salto da Guayra ou Sete Quedas pelo Capitão Nestor Borba – Notas e considerações geraes pelo engenheiro André Rebouças. **RIHGB**, v. 61, N° 97, p.65-87, 1896.

BORBA, Telêmaco. Breve Notícia sobre os Índios Caingangs, acompanhada de um pequeno vocabulário da língua dos mesmos indígenas e da dos Cayguás e Chavantes. **Revista da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Brazil**, tomo II, 1883. pp. 2-36.

BORBA, Telêmaco. Die Caingangs-Indianer in der brasilianischen Provinz Paraná. **Globus: Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde**, vol. L, n. 15, 1886. pp. 233-236

BORBA, Telêmaco M. Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná. **Revista do Museu Paulista**, v. 6, p. 53-62, 1904.

BORBA, Telêmaco. **Actualidade indígena**. Curitiba : Typ. Impressora Paranaense, 1908

CARMACK, Robert M. Ethnohistory: a review of its developement definitions, methods, and aims. **Annual Review of Anthropology**, v. 1, p. 227-246, oct. 1972.

CARNEIRO, Robert L. A theory of the origin of the state: Traditional theories of state origins are considered and rejected in favor of a new ecological hypothesis. **Science**, v. 169, n. 3947, p. 733-738, 1970.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa. **História (São Paulo)**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 349-371, jan./jun., 2011.

CAVALHEIRO, C. M. et al. **Relatório Final. - Programa de Prospecção Arqueológica LT 138kv PCH Cantú 2 – SE Mamborê Municípios de Nova Cantú, Roncador, Luiziana e Mamborê - Paraná**. Processo 01508.000591/2014-81. Curitiba: EPPC, 2014.

CAVALHEIRO, ACM. **Relatório parcial 2 - Recadastramento de sítios arqueológicos (CNSA-IPHAN) Oeste Estado do Paraná**. Processo N°.01508.000827/2016-41. Curitiba, EPPC, 2019, 253 pags

CAVALHEIRO, ACM. **Relatório Parcial 1 - Recadastramento de sítios arqueológicos (CNSA-IPHAN) Oeste Estado do Paraná**. Processo N°.01508.000827/2016-41. Curitiba: EPPC, 2020, 170 pags.

CHAVES, Kelly K. Ethnohistory: from inception to postmodernism and beyond. **The Historian**, v. 70, n. 3, p. 486-513, fall, 2008.

CHMYZ, I. 1963. Nota prévia sobre a jazida PR UV A-1 (63) Kavales: **Revista do Museu Paulista**, N.S, 14: 493-512.

CHMYZ, I. 1964. **Relatório das prospecções arqueológicas nos municípios de União da Vitória, Bituruna e Cruz Machado-PR**, 1959-1964. Curitiba, Universidade do Paraná.

CHMYZ, I. 1967. O sítio arqueológico PR UV 1 (abrigo sobre rocha Casa de Pedra). **Arqueologia**, 3: 1-46. Curitiba.

CHMYZ, I. 1968. Subsídios para o estudo arqueológico do vale do rio Iguaçu. **Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas**, 1: 31-52.

CHMYZ, I. 1969. Pesquisas arqueológicas no médio e baixo Iguaçu. PRONAPA – **Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações avulsas**, 13: 86-125.

CHMYZ, Igor; SAUNER, Zulmara C. Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas no vale do rio Piquiri. **Dédalo**, v. 13, p. 7-36, 1971.

CHMYZ, Igor. **Projeto Arqueológico Itaipu - Segundo Relatório das pesquisas realizadas na área de Itaipu (1976/77)**. Curitiba: s/e, 1977. 150pags.

CHMYZ, Igor. **Relatório das pesquisas arqueológicas realizadas na área da Usina Hidrelétrica de Salto Santiago (1979-80)**. Convênio ELETROSUL-IPHAN, Projeto Arqueológico Santiago, 1981.

CHMYZ, Igor. **Projeto Arqueológico Itaipu - Sétimo relatório das pesquisas realizadas na área de Itaipu (1981/83)**. Curitiba: s/e, 1983. 107 pags.

CLEVE, Luiz Daniel. Ofício ao Ilmo. Exmo. Sr. Dr. João José Pedrosa, digníssimo Presidente da Província – O Diretor dos Índios. Luiz D. Cleve. Guarapuava, em 3 de Fevereiro de 1881. Curitiba, **Jornal Dezenove de Dezembro**, 19/01/1881, p. 3.

COLONESE, Andre C. et al. Bridging ancient and modern artisanal fisheries in Latin America: assessing the role of cultural heritage in poverty alleviation in coastal Brazil. **Antiquity Journal**, Department of Archaeology, 2015.

CORTESÃO, Jaime (Org.). **Manuscritos da Coleção de Angelis. Jesuitas e bandeirantes no Guairá (1549-1640)**. v. I. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

DORSON, Richard Mercer. Ethnohistory and Ethnic Folklore. **Ethnohistory**, v. 8, n. 1, p. 12-30, 1961.

EWERS, John Canfield. Symposium on the Concept of Ethnohistory – Comment. **Ethnohistory**. v. 8, n. 3, p. 262-270, 1961.

FERNANDES, Loureiro. Os Caingangues de Palmas. **Arquivos do Museu Paranaense**, v. 1, p. 161-229. 1941.

FERNANDES, Ricardo Cid. Uma contribuição da antropologia política para a análise do faccionalismo Kaingang. In: NOELLI, FS; TOMMASINO, K; MOTA, LT. **Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: Eduel, p. 83-143, 2004.

KELLER, Franz. Noções sobre os indígenas da província do Paraná. In: Leda A LOVATO. A Contribuição de Franz Keller à etnografia do Paraná. **Boletim do Museu do índio**. Antropologia. Rio de Janeiro, n. 1, p. 18, [1867] 1974.

LEACOCK, Eleanor. Symposium on the Concept of Ethnohistory – Comment. **Ethnohistory**. v. 8, n. 3, p. 256-261, 1961.

LURIE, Nancy. Oestreich. Ethnohistory: An Ethnological Point of View. **Ethnohistory**, v. 8, n. 1, p. 78-92, 1961.

LUTINS, Allen H. **Prehistoric Fish Weirs in Eastern North America**. Tese de Doutorado. Binghamton University, Anthropology Department. 1992

MÉTRAUX, Alfred. **La Civilisation Matérielle des Tribus Tupi- Guarani**. Paris, Librarie Orientaliste. 1928.

MÉTRAUX, Alfred. The Caingang. In: J. Steward (Ed.). **Handbook of South American Indians**, 1:445-475. Washington, Smithsonian Institution. 1941.

MILLER JUNIOR, TO. Tecnologia Cerâmica dos Caingang Paulistas. **Arquivos do Museu Paranaense N S Etnologia**, Museu Paranaense, Curitiba, v. 2, p. 1-51, 1978.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Tesoro de la lengva gvarani**. Compvesto por el Padre Antonio Ruiz, de la Compañia de lesvs. Dedicado a la Soberana Virgen Maria. Con Priuilegio. En Madrid por Iuan Sanchez. Año 1639.

MOTA, Lúcio Tadeu. A passagem e a presença dos Jê Meridionais por São Paulo e Paraná: uma reflexão etno-histórica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 27, p. 135-157, 2016.

MOTA, Lucio Tadeu. Etno-história: uma metodologia para abordagem transdisciplinar da história de povos indígenas. **Patrimônio e Memória**, v. 10, n. 2, p. 5-16, 2014.

NASCIMENTO, José Francisco Thomaz do. Viagem feita por José Francisco Thomaz do Nascimento pelos desconhecidos sertões de Guarapuava, Província do Paraná, e relações que teve com os índios coroados mais bravios daquelles lugares. **Revista Trimensal do Instituto Geographico e Ethnographico do Brazil**, Rio de Janeiro, tomo XLIX, p. 267-281, 1886.

NIMUENDAJU, Curt. Notas sobre a organização religiosa e social dos índios Kaingang. In: GONÇALVEZ, Marco Antonio. **Etnografia e indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará**. Campinas: Editora da UNICAMP. 1993.

NOELLI, Francisco Silva ; MOTA, Lúcio Tadeu ; SILVA, F.A. **Os paris dos rios Apucarana e Apucarantina, Paraná**. In: VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 1995, PORTO ALEGRE - RS. Programação oficial e resumos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. v. 1. p. 133-134.

NOELLI, Francisco S.; MOTA, Lúcio T; SILVA, Fabiola A. Pari: Armadilhas de Pesca no Sul do Brasil e a Arqueologia. **Coleção Arqueologia**, Porto Alegre, EDIPUCRS, n° 1, v. 2, p. 435-446, 1995- 96.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. Sobre os conceitos e as relações entre história indígena e etnoistória. **Prosa**, Campo Grande, 3(1), 2003. p. 39-47.

PARANÁ. **Mappa do Estado do Paraná**. Organizado por ordem do Governador Dr. Jose Pereira Santos Andrade. 1896. <https://www.iat.pr.gov.br/Pagina/Coletanea-de-Mapas-Historicos-do-Parana>. Acessado em 20/12/2021.

PARELLADA, Claudia Inês. **Aspectos arqueológicos e históricos. In: Estudo de impacto ambiental PCH Porto da Bota Rio Piquiri**. Curitiba: Ambiotech. 2012a. P. 605-635. Processo Iphan N° 01508.000664/2010-19.

PARELLADA, Cl. Patrimônio Histórico e Arqueológico. In: **UHE Apertados - Estudo de Impacto Ambiental AP-WLM-240-20-0011 Relatório Final**. São Paulo: WALM Engenharia e Tecnologia Ambiental Ltda. 2012b. p.316-370.

PARELLADA, Claudia Inês. Arqueologia do vale do rio Piquiri, Paraná: paisagens, memórias e transformações. **Revista Memorare**, v. 1, n. 1, p. 24-42, 2013.

PETERSON, Don. **Native American Fish Traps in the Potomac River**. Brunswick, Maryland. Brunswick Heritage Museum. 2018.

PIMENTEL, Antonio da Costa. Relação da viagem de Antonio da Costa Pimentel, In: **Documentos Interessantes para a história e costumes de São Paulo**, XXXIV. São Paulo, s/e, 1901.

POMEROY, John Anthony. Stone fish traps of the Bella Bella region. **Current Research Reports, Publication**, n. 3, p. 165-193, 1976.

RYAN, Thomas M., "Archeological Survey Along the Broad River Near Leeds, South Carolina" (1971). **Research Manuscript Series**. 9. [https://scholarcommons.sc.edu/archanth\\_books/9](https://scholarcommons.sc.edu/archanth_books/9)

SCHWENGBER, V. L. **Diagnóstico arqueológico interventivo na área de implantação da PCH Fazenda do Salto. Relatório de pesquisa**. Tubarão. 2013.

SCHWENGBER, V. L., et al. **Programa de Resgate Arqueológico e Educação Patrimonial na Área de Implantação da PCH Nova Cantu 2, Municípios de Laranjal, Palmital, Nova Cantu e Roncador, Estado do Paraná**. Tubarão: Espaço Arqueologia. Relatório Final de Pesquisa, 2015. Processo Iphan Nº 01508.000626/2015-62.

SCHWENGBER, V. L.; MELLO, A. B.; KONRAD, W.; SILVA, A.; PEREIRA, D. G.; AMORIM, T.; NEVES, G. V.; REQUIA, D.; NOVASCO, R. V.; KONRAD, R.; SCHWENGBER, L. M. K. **Programa de gestão do patrimônio arqueológico na área implantação da PCH Fazenda do Salto**. Processo Nº 01508.000139/2013-38. Tubarão-SC: Espaço Arqueologia. Relatório de pesquisa, setembro de 2019.

SILVA, JB.; NOELLI, FS. A Aquisição de Recursos Líticos pelos ocupantes Jê do Sul na Ilha do Major. **Fronteiras** (Campo Grande), v. 6, p. 113-129, 2002.

SILVA, Osvaldo Paulino da. **Salvamento arqueológico na área da Linha de Transmissão 525 kV. Salto Santiago-Ivaiporã-Cascavel Oeste Paraná**. Florianópolis: Itaconsult. 2004.

SOUZA, Jonas Gregório; MERENCIO, Fabiana Terhaag. A diversidade dos sítios arqueológicos Jê do Sul no Estado do Paraná. **Cadernos do LEPAARQ** (UFPEL), v. 10, n. 20, p. 93-130, 2013.

STEWART, Julian H. A functional-developmental classification of American high cultures. **Memoirs of the Society for American Archaeology**, v. 4, p. 103-104, 1948.

STEWART, Julian H. Cultural causality and law: a trial formulation of the development of early civilizations. **American Anthropologist**, v. 51, n. 1, p. 1-27, 1949.

STRANDBERG, Carl H.; TOMLINSON, Ray. Photoarchaeological analysis of Potomac River fish traps. **American Antiquity**, v. 34, n. 3, p. 312-319, 1969.

TOMMASINO, Kimiye. Território e territorialidade Kaingang: resistência cultural e historicidade de um grupo Jê. In: MOTA, Lucio Tadeu; NOELLI, Francisco S.; TOMMASINO, Kimiye. (Org.). **Uri e Wāxi: estudos interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: UEL, 2000.

TRIGGER, Bruce G. Ethnohistory: problems and prospects. **Ethnohistory**, v. 29, n. 1, p. 1-19, winter, 1982.

VALENTINE, Charles A. Symposium on the Concept of Ethnohistory – Comment. **Ethnohistory**. v. 8, n. 3, p. 271-280, 1961.

VAL FLORIANA, Mansueto Barcatta de. Dicionários Kainjgang-Portuguez e Portuguez-Kainjgang. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, 1920, vol 12:1-392.

VOEGELIN, Erminie Wheeler. An Ethnohistorian's View point. **Ethnohistory**, v. 1, n. 2, p. 166-171, 1954.

WASHBURN, Wilcomb. Ethnohistory: History "In the Round". **Ethnohistory**, v. 8, n 1. p. 31-48, 1961.

WIESEMANN, Ursula. **Dicionário Kaingáng-Português, Dicionário Bilíngüe**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

WHITE, Elroy AF. **Heiltsuk stone fish traps: products of my ancestors' labour**. Department of Archaeology, Simon Fraser University, Burnaby, BC, 2006.

WHITE, Leslie A. Energy and the evolution of culture. **American anthropologist**, v. 45, n. 3, p. 335-356, 1943.

Município	Nome do sítio, N° CNSA e coordenada UTM	N° no Mapa e datações	Referência
Altamira do Paraná <sup>23</sup>	Sinval Vieira da Silva 22J 328194 m E 7249233 m S	20	PARELLADA, 2012a:610
	Marcelo Istake 1 22J 327896 m E 7249231 m S	21	
	Marcelo Istake 2 22J 328090 m S 7249515 m S	22	
	Luzia Ribeiro de Oliveira 22J 327618 m E 7249206 m S	23	
	Fazenda da Bota 1 22J 323565 m E 7248873 m S	24	
	Augusto Istake 22J 329072 m E 7247984 m S	25	
Alto Piquiri	Areia Branca Apertado 1 22J 263484 m E 7320175 m S	58	PARELLADA, 2012b:322-323
	Cachoeira Guairacá II 22J 263611 m E 7329933 m S	59	
Anahy	Anahy 1 22J 287404 m E 7274038 m S	50	SCHWENGBER. VL; et al, 2019.
Assis Chateaubriand	Ponte PR 486 I 22J 242051 m E 7316173 m S	60	PARELLADA, 2012b:322

<sup>23</sup> Muitos sítios arqueológicos ainda não estão no cadastro do CNSA, suas referências estão nos Relatórios de pesquisas ou em publicações da área de arqueologia.

Braganey	Tourinho – PR00086 22J 298261 m E 7266767 m S	37	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 CAVALHEIRO, 2020:53
Brasilândia do Sul	Faz Boa Esperança I 22J 241960 m E 7317099 m S	61	PARELLADA, 2012b:323
Campina da Lagoa	Aeroporto -PR00068 22J 316745 m E 7278255 m S	26	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 CAVALHEIRO, 2020:58
	Três Buracos – PR00060 22J 315615 m E 7275557 m S	27	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 CAVALHEIRO, 2020:120
	Moch III – PR00062 22J 313792 m E 7273302 m S	28	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 CAVALHEIRO, 2020:86
	Moch I -PR00069 22J 314093 m E 7274231 m S	29	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 CAVALHEIRO, 2020:79
	Moch II -PR00061 22J 313533 m E 7273442 m S	30	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 CAVALHEIRO, 2020:82
	Roseira II – PR00064 22J 313208 m E 7271557 m S	31	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 CAVALHEIRO, 2020:115
	Morro Vermelho I – PR00071 22J 311230 m E 7268797 m S	32	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 CAVALHEIRO, 2020:90
	Morro Vermelho II – PR00065 22J 311302 m E 7268763 m S	33	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 CAVALHEIRO, 2020:96
	Estrada – PR00067 22J 310910 m E 7268328 m S	34	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 CAVALHEIRO, 2020:75
	Roseira I - Galeria Sub -PR 00063 22J 313577 m E 7271416 m S	35	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 CAVALHEIRO, 2020:110
Rio Erveira – PR00066 22J 309605 m E 7282182 m S	36	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 CAVALHEIRO, 2020:103	
Formosa do Oeste	Recanto Apertado Piquiri I 22J 263916 m E 7320148 m S	57	PARELLADA, 2012b:322
Francisco Alves	Sítio da Divisa 22J 216285 m E 7341465	63	MIGUEL, R. 2014:6 CAVALHEIRO, 2019: 119

Guaira	Sete Quedas – PR00225 21J 777975.18 m E 7334481.00 m S	64	CHMYZ, I. 1977:129-130
	Sete Quedas 7 – PR00231 21J 778061.00 m E 7334521.00 m S	65	CHMYZ, I. 1977:130-
	Sete Quedas 8 – PR00232 21J 778089.00 m E 7334659.00 m S	66	CHMYZ, I. 1977:130
	Prainha 5 – PR00262 21J 778019.00 m E 7334593.00 m S	67	CHMYZ, I. 1983:93
	Ilha do Major <sup>24</sup> 21J 777987.00 m E 7334936.00 m S	68	SILVA; NOELLI, 2002:116
Guarapuava	Arroio do Tanque <sup>25</sup> 22J E:445724 N:7203974	1 710 +30 BP	ARQUEOLÓGICA, 2019
Iguatu	Iguatu 1 UTM 22J 287231 E/ 7273515	49	SCHWENGBER. VL; et al,2019
Iporã	Pari Cacique Joré 228120.00 m E 7320944 m S	62	BORBA, TM. 1908:158 BORBA, N. 1896: 71-74
Laranjal	Arroio do Susto 1 22J E:352207 N:7262331	18	SCHWENGBER, VL, 2015
Luiziana	Córrego do Baiano 22J E:350160 N:7288060	19	CAVALHEIRO, ACM. 2014
Nova Aurora	Luis Rodrigues 22J 281537 m E 7298467 m S	51	PARELLADA, CI. 2013: 28
	Fazenda São Tomé I 22J 281109 m E 7298218 m S	52	PARELLADA, CI. 2013: 28
	Fazenda São Tomé II 22J 281388 m E 7297899 m S	53	PARELLADA, CI. 2013: 28
	Fazenda São Tomé III 22J 281361 m E 7297438 m S	54	PARELLADA, CI. 2013: 28
	Toldo de Jong-ho 22J 280277 m E 7289495 m S	55	PARANÁ, 1896
Nova Cantu	Rio Santo Rei 1 22J E:350391 N:7271032	15	CAVALHEIRO, ACM. 2014:26-27
	Rio Santo Rei 2 – PR01661 22J E:350405 N:7269855	16	CAVALHEIRO, ACM.2014:27-29
	Rio Cantu 1 – PR01814 22J E:354783 N:7262387	17	SCHWENGBER, VL. 2015
Pitanga	Pitanga 4 – PR01306 22J E:447400 N:7268922	11	SCHWENGBER, VL. 2013
	Estruturas Subterrâneas 22J 410884 mE 7276653 mS	12	SILVA, OP. 2004
Quarto Centenário	Ponte Centenário PR 180 I 22J 281079 m E 7302308 m S	56	PARELLADA, 2012b:323
Roncador	Valdir Pircinis 22J 382987 mE 7280730 mS	14	SILVA, OP. 2004:13

<sup>24</sup> Sobre a ocupação Jê do Sul na Ilha do Major em Guaira constam da publicação SILVA; NOELLI, 2002:116.

<sup>25</sup> O sítio Arroio do Tanque relacionados nesse município não está no cadastro do CNSA, mas foi registrado no Relatório ARQUEOLÓGICA, 2019, Processo 01508.900116/2017-59

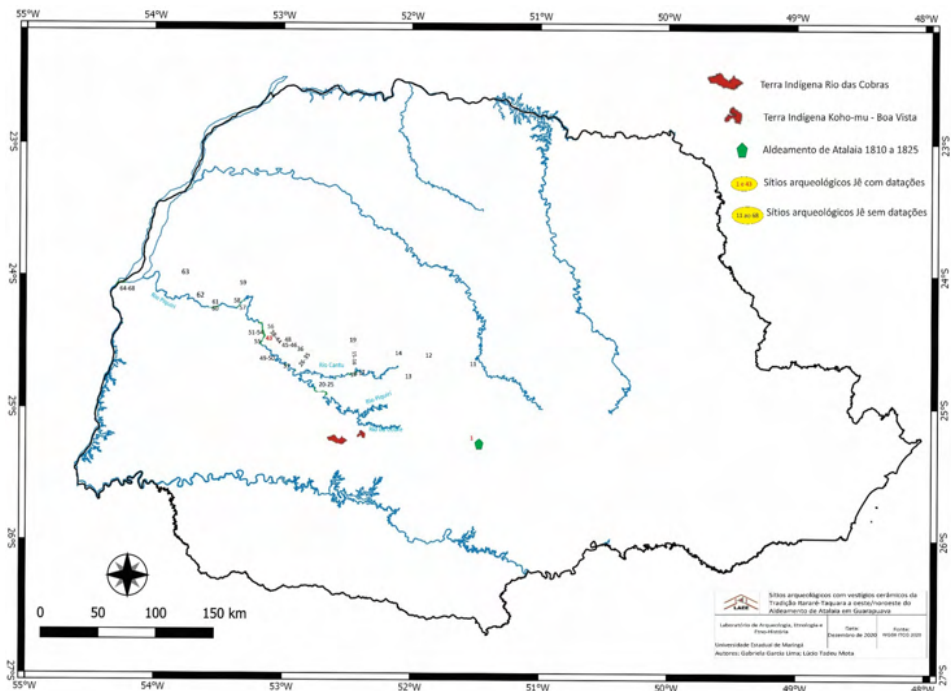


Santa Maria do Oeste	Santa Rita 22J 397299 m E 7258947 m S	13	SILVA, OP. 2004:10
Ubiratã	Carajá 3 – PR00559 22J 283351 7294116	38	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 CAVALHEIRO, ACM. 2019:101
	Carajá 2 – PR00557 22J 281197 m E 7296752 m S	39	CHMYZ & SAUNER, 1971:9
	Carajá 4 – PR00561 22J 283277 m E 7293869 m S	40	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 CAVALHEIRO, ACM. 2019:103
	Estrada da Cantareira – PR 00563 22J 282781 m E 7291416 m S	41	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 CAVALHEIRO, ACM. 2019:111
	Aterro do Pasto – PR00558 22J 286432 m E 7290628 m S	42	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 CAVALHEIRO, ACM. 2019:78
	Carajá 1 – PR00553 22J 286473 m E 7290826 m S	43 855+-95 BP	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 CAVALHEIRO, ACM. 2019:91
	Campo de futebol – PR00562 22J 285979 m E 7288880 m S	44	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 CAVALHEIRO, ACM. 2019:84
	Sinop 1 – PR00554 22J 297532 m S 7283499 m S	45	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 CAVALHEIRO, ACM. 2019:123
	Sinop 2 - 22J 297487 m S 7283466 m S	46	CHMYZ & SAUNER, 1971 CAVALHEIRO, ACM. 2019:126
	Aterro Tiburtius – PR00560 22J 283932 m E 7298809 m S 22J 284872 m E 7297088 m S	47	CHMYZ & SAUNER, 1971:9 PARELLADA, 2013 CAVALHEIRO, ACM. 2019:82
	Toldo Pinhaõzinho - Histórico 22J 297101 m E 7283738 m S	48	PARANÁ, 1896

Anexo 1. Sítios arqueológicos com vestígios cerâmicos da Tradição Itararé-Taquara, ou com registros históricos relacionados aos Kaingang, nos rios Cavernoso, Piquiri e seus afluentes<sup>26</sup>

Fonte: O autor

<sup>26</sup> Foram considerados os sítios arqueológicos cadastrados no CNSA do IPHAN, [http://portal.iphan.gov.br/sgpa/cnsa\\_resultado.php](http://portal.iphan.gov.br/sgpa/cnsa_resultado.php), e os registrados em publicações e relatórios arqueológicos. Para efeito de Tradição Itararé-Taquara, consideramos os registros de vestígios cerâmicos e registros de possíveis habitações, no caso as casas subterrâneas, praças cerimoniais, e mounds com possíveis enterramentos.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acervo Arqueológico 1

Alforrias 123, 124, 125

Arqueologia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 22, 23, 24, 25, 30, 38, 39, 41, 42, 44, 59, 61, 63, 64, 67, 69, 72, 80, 83, 85, 86, 87, 94, 101, 102, 104, 105, 108, 109, 110, 113, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 132, 133, 134, 136, 148

Arqueologia Cognitiva 104, 110

Arqueologia Colaborativa 11, 12, 13, 14, 23, 24

Arqueologia Pública 3, 11, 12, 23, 101

### C

Comunidade 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 26, 27, 34, 35, 37, 38, 41, 43, 45, 46, 48, 49, 96, 97, 110

Comunidade Indígena 41, 43, 45, 46, 48

### D

Deusas 136, 139, 144

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 8, 13, 17, 19, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 30, 37, 38, 39, 82, 86

Educação Patrimonial 25, 27, 28, 29, 30, 37, 38, 39, 82, 86

Epigrafia 123, 126, 127, 129, 132, 133

Escavidão Antiga 123, 124

Estados Alterados de Consciência 104, 108, 111, 112, 117, 121

Etnoarqueologia 40, 41, 42, 43, 59, 60, 148

Etno-História 42, 45, 59, 61, 63, 64, 83, 85, 148

Etno-História Indígena 61

### F

Fúlvia 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145

### I

Império Romano 123, 124, 127, 128, 129, 131, 134, 135

Índios Kaingang 61

Interdisciplinar 104, 109, 120

Interdisciplinaridade 104, 116

## **L**

Laudos Judiciais 40

Libertos 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 132, 135

## **M**

Memória 10, 15, 16, 17, 22, 26, 33, 35, 37, 46, 85, 96, 101, 102, 121, 145, 148

Moedas 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

Multivocalidade 11, 12, 13

## **P**

Pantanal 40, 41, 43, 44, 45, 46, 52, 59

Pari 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 82, 85, 89

Pari-Armadilha de Pesca 61

Patrimônio 11, 12, 13, 14, 17, 19, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 85, 86, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 148

Patrimônio Arqueológico 13, 14, 23, 38, 86, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102

Patrimônio Cultural 11, 12, 14, 17, 19, 22, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 92, 94, 95, 96, 97, 102, 148

Patrimônio Imaterial 31

Povo Indígena Guató 40

Preservação 6, 13, 14, 17, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 37, 38, 39, 72, 96, 97, 102, 115

## **S**

Séculos XV-XVIII 104

Serra da Capivara 5, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23

Sistematização 96, 104, 112

Sustentabilidade 11, 12, 13, 14, 15, 23, 94

Sustentabilidade Cultural 11, 12, 13, 14, 15, 23

## **T**

Terras Indígenas 40, 52, 59, 148


Testemunhos Arqueológicos 110, 112, 113


## **V**


Vale do Rio Piquiri-PR 61


# ARQUEOLOGIA:

## Temáticas e Perspectivas Teórico- Metodológicas de Pesquisa 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 




# ARQUEOLOGIA:

## Temáticas e Perspectivas Teórico- Metodológicas de Pesquisa 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 